



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

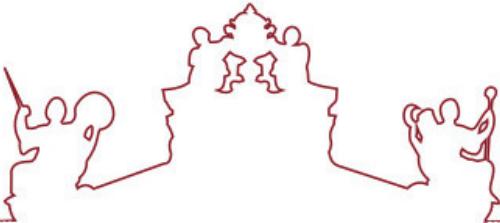
Dissertação

**Comunidade cigana espacialmente segregada: Impacto do
vínculo ao lugar nas relações intergrupais, sentido de
comunidade e perspetivas futuras**

Joana Maria Sousa Gonçalves

Orientador(es) | Maria de Fátima Bernardo

Évora 2023



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

**Comunidade cigana espacialmente segregada: Impacto do
vínculo ao lugar nas relações intergrupais, sentido de
comunidade e perspetivas futuras**

Joana Maria Sousa Gonçalves

Orientador(es) | Maria de Fátima Bernardo

Évora 2023



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Maria Luísa Grácio (Universidade de Évora)

Vogais | Maria de Fátima Bernardo (Universidade de Évora) (Orientador)
Paulo Miguel Cardoso (Universidade de Évora) (Arguente)

Évora 2023

Agradecimentos

O principal agradecimento vai para os meus pais por me apoiarem sempre em tudo, tanto emocionalmente como financeiramente. Sem eles não teria conseguido chegar ao fim desta dissertação, e provavelmente nem teria conseguido começar. Conseguiram sempre dar uma palavra de força e incentivo para continuar. À minha avó e ao meu irmão por me apoiarem também, e não me fazerem desistir.

Ao meu namorado, por estar sempre, sempre lá. Por nunca me deixar desistir e por me ouvir sempre. Sem ele, também não teria conseguido chegar ao fim. Foi sem dúvida o meu maior apoio neste fim de percurso.

Um grande obrigada à professora Fátima, por me ajudar sempre ao longo deste ano sempre que precisei. Por ter estado sempre lá, mas também por me ter acolhido no momento em que mais precisei e ter-me mostrado que era possível fazer o que estávamos a pensar e se mostrou motivada a começar. Foi a força que precisei naquele momento. Alguém que acreditasse em mim. Obrigada de coração. Sou-lhe muito grata.

Ao Sr. Alberto, por ter aceite prontamente que fizesse o estudo no bairro “dele”. Que me fez sempre sentir em casa e mostrou-se sempre pronto para me ajudar em tudo. Aos restantes residentes da comunidade cigana de São João da Talha, agradeço também muito por terem participado neste estudo, porque sem eles, não teria sido possível realizá-lo.

Agradeço à Bruna, por estar disposta a ouvir-me sempre, a ajudar-me sempre e a dar-me sempre palavras de força. Foste a amiga que precisei neste ano tão exigente.

E por fim, mas não menos importante, um obrigada à Luísa. Por me ter acolhido na sua casa e ter sido a minha companhia enquanto estudava em Évora, num ano de pandemia, onde tudo o que se podia fazer era ficar em casa. E pelo menos em casa, tínhamo-nos uma à outra para falarmos e partilharmos o nosso dia-a-dia.

Comunidade cigana espacialmente segregada: Impacto do vínculo ao lugar nas relações intergrupais, sentido de comunidade e perspetivas futuras

Resumo

O objetivo geral deste estudo foi perceber como uma comunidade cigana que habita num bairro (Cida-Talha) segregada de forma socioespacial do resto da cidade (S. João da Talha), e assim marcadamente associado à sua identidade social de ciganos, se vincula ao seu local de residência e de que forma, esse vínculo está associado à identidade ao lugar, e às relações intergrupais, ao sentido de comunidade e às perspetivas futuras em contexto de possibilidade de mudança de residência. Trata-se de um estudo de campo com uma amostra não clínica e comunitária. Neste estudo foi aplicado um questionário a 89 residentes do bairro que inclui as escalas: identidade ao lugar, vínculo ao lugar, atitudes intergrupais, redes sociais, solidariedade à comunidade e perspetivas de futuro.

Os resultados mostram que, de forma genérica, tanto os indivíduos com vínculo alto como vínculo baixo, têm um desejo de sair do bairro, e um baixo desejo de viver num bairro só com população cigana. Os indivíduos que manifestam um vínculo mais baixo em relação ao local de residência revelam também menos identidade ao bairro e a São João, e também se sentem menos à vontade na comunidade, sentem-se menos em casa na comunidade e não se sentem membros da comunidade e manifestam uma menor identidade cigana. Verifique-se ainda que o grupo de menor vínculo recorre essencialmente à família, quando têm necessidade de apoio social. No entanto, recorrem menos à família quando precisam de desabafar/conversar e quando precisam de alguma informação. E tanto indivíduos com vínculo baixo como alto, apresentam menor desejo de viver num bairro só com ciganos. Estes resultados mostram a necessidade de repensar a criação de bairros exclusivamente destinados à população cigana e a necessidade de estudar mais profundamente o impacto da exclusão espacial.

Palavras-chave: Identidade ao lugar; Vínculo ao lugar; Atitudes intergrupais; Comunidade cigana; Sentido de comunidade.

Gypsy community spatially segregated: Impact of the place attachment on intergroup relations, sense of community and future perspectives

Abstract

The general aim of this study was to understand how a gypsy community living in a neighbourhood (Cida-Talha) segregated socio-spatially from the rest of the city (S. João da Talha), and thus markedly associated with their social identity as gypsy, attaches to their place of residence and in what way, this attachment is associated with identity to place, and with inter-group relations, sense of community and future perspectives in the context of possibility of change of residence. This is a field study with a non-clinical and community sample. In this study, a questionnaire was applied to 89 neighborhood residents and included the following scales: place identity, place attachment, intergroup attitudes, social networks, community solidarity, and future perspectives.

The results show that, in general terms, both high and low bonded individuals have a desire to leave the neighborhood, and a low desire to live in a neighborhood with only gypsy people. Individuals who express a lower attachment to their place of residence also reveal less identity with the neighbourhood and São João, and also feel less at home in the community, feel less at home in the community and do not feel like members of the community, and express less gypsy identity. It should also be noted that the group with the least attachment essentially turns to the family when in need of social support. However, they turn less to the family when they need to vent/talk and when they need some information. And both low and high bonded individuals have a lower desire to live in an all-gypsy neighborhood. These results show the need to rethink the creation of exclusive neighbourhoods for the gypsy population and the need to further study the impact of spatial exclusion.

Keywords: Identity to the place; Attachment to the place; Intergroup attitudes; Gypsy community; Sense of community.

Índice

1. Introdução	9
2. Enquadramento Teórico	10
2.1 Comunidade cigana	10
2.2 Espaço como fonte de segregação social	11
2.3 Estereótipos em relação à comunidade cigana	13
2.4 Estereótipos em relação aos lugares e seus efeitos	14
2.5 Vínculo ao lugar	15
2.6 Identidade de lugar	17
2.7 Diferenças entre identidade e vínculo ao lugar	19
2.8 Vínculo ao lugar como preditor das atitudes intergrupais	20
2.9 Sentido de comunidade	21
3. Objetivos do estudo	23
3.1 Hipóteses	23
3.2 Estudo de Caso	24
4. Método	26
4.1 Recolha de dados	26
4.2 Participantes	26
4.3 Instrumentos	27
4.4 Procedimento	29
5. Análise da consistência interna dos instrumentos	31
6. Resultados	31
7. Discussão	43
8. Conclusão	50
9. Referências Bibliográficas	52
Anexos	

Índice de Tabelas

Tabela 1. Alpha de Cronbach

Tabela 2. Médias e Desvios-Padrão

Tabela 3. Análise Correlacional

Tabela 4. Médias e resultados do T-student para os 3 níveis de identidade ao lugar para os dois grupos de vínculo

Tabela 5. Médias e resultados do T-student para os 4 níveis de identidade ao grupo

Tabela 6. Médias e resultados do T-student para as atitudes intergrupais

Tabela 7. Médias e resultados do T-student para a relação com comunidade do bairro

Tabela 8. Redes sociais

Tabela 9. Se ganhasse o Euromilhões ficaria no bairro e ficaria em São João da Talha

Tabela 10. Comunidade para onde iriam caso saíssem de São João da Talha

Tabela 11. Levariam ou não alguém da comunidade consigo, se saíssem de São João da Talha

Tabela 12. Para onde iriam se ganhassem o Euromilhões

Tabela 13. Se ganhasse 20 mil euros permanecia no bairro

Índice de Imagens

Figura 1. Zona atual do bairro Cida-Talha (via Google Maps)

Figura 2. Bairro Cida-Talha

Figura 3. Jovens do bairro Cida-Talha

Índice de Anexos

Anexo A. Termo de Consentimento Informado

Anexo B. Questionário

Anexo C. Entrevista realizada a um membro da comunidade

Lista Braquigráfica

CI-T – Cida-Talha

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

1. Introdução

Este estudo centrou-se sobre uma comunidade cigana que, como acontece em muitos municípios portugueses, foi realojada numa área do bairro segregada de forma socioespacial do resto da freguesia e onde apenas habitam residentes ciganos. Verificou-se assim uma associação entre a localização geográfica e os estereótipos em relação a esta comunidade. Neste contexto, o objetivo deste estudo foi perceber como os residentes desta comunidade percebem a identidade social de ciganos e se esta se vinculava ao seu local de residência e de que forma, esse vínculo estava associado à sua identidade ao lugar, e às relações intergrupais, ao sentido de comunidade e às perspetivas futuras em contexto de possibilidade de mudança de residência.

O vínculo ao lugar é desenvolvido através dos significados atribuídos por alguém a um espaço, em função do conteúdo emocional e simbólico a esse lugar (Hidalgo & Hernández, 2001; Giuliani *et al*, 2004). Este conceito refere-se ao vínculo entre o indivíduo e os seus ambientes significativos. Estudos revelam que os lugares se tornam significativos a partir de experiências pessoalmente importantes, como marcos ou experiências de crescimento pessoal. Alguns teóricos argumentam que as características do lugar são fundamentais para as experiências individuais e que podem formar a base para o vínculo. Os níveis social e individual de vínculo ao lugar não são inteiramente independentes, ou seja, os significados e valores do lugar cultural, influenciam a extensão do vínculo ao lugar individual e as experiências individuais experienciadas dentro de um lugar, se forem positivas, podem fortalecer o vínculo ao lugar cultural. Para melhor entender este fenómeno, considera-se que a pessoa não se vincula ao local, mas sim ao significado que constrói na relação com o local (Scannell & Gifford, 2010; Lewicka, 2008; Lewicka, 2010; Giuliani *et al*, 2004).

Relativamente à população deste estudo, estudos mostram que comunidades ciganas em Portugal aparecem como uma população que vive, sob exclusão social que se vai traduzir em condições precárias ao nível da habitação e higiene, apresentam também taxas de alfabetização altas e aparecem relacionados a não quererem entrar no mercado de trabalho. Associado a estes fatores aparece também uma forte segregação social e cultural, assim como estereótipos e discriminação associados à comunidade cigana de que são alvo (Magano & Silva, 2000).

No entanto, a comunidade cigana mostra-nos que mesmo sofrendo uma forte exclusão social, eles conseguiram sempre preservar a sua cultura e maneira de estar na vida, mesmo com as regras da sociedade que não iriam ao encontro das suas. Por estes motivos, consideramos este estudo de grande relevância para entender esta comunidade e de que forma o vínculo ao lugar é percebido nesta comunidade (Magano & Silva, 2000; Araújo, 2019; Fernandes, 2018).

Em relação à comunidade cigana de São João da Talha, um estudo de 2004 com estudantes da escola secundária de São João da Talha, de Casa-Nova (2001) e Castro e colaboradores (2001), mostra que os aspetos que os alunos mais ressalvam são a agressividade, arrogância e a forte ligação que a comunidade cigana deste bairro sente entre si, não se mostrando como um aspetto positivo, esta última (Mendes, 2004).

Pretende-se então, perceber se este grupo apresenta uma forte identidade e vínculo bairro e à comunidade, assim como pretende-se perceber as relações com outros grupos fora do bairro.

2. Enquadramento Teórico

2.1 Comunidade Cigana

Este estudo em particular, foi realizado com uma amostra de uma comunidade cigana. Os ciganos são oriundos do oriente e estima-se que vieram para Portugal no séc. XVI, contudo existem poucos registos que confirmem esta hipótese. Apura-se que em 2014 já existam mais de 24 mil ciganos no nosso país (Gonçalves, 2018).

Estima-se que cerca de 7 mil ciganos vivam em más condições de habitação e ilegalmente, sejam estas fixas ou móveis e são detentoras de problemas associados. Vivem longe da maioria da população, sobretudo em bairros sociais ou na periferia das cidades. “Este pressuposto está assente em discursos que vão sendo ditos ao longo dos anos, como “eles são assim (nómadas) porque é da cultura deles”, “estarmos a pô-los em casas é ir contra a cultura deles”, ou “eles gostam de ser livres e não de estar fechados, numa casa”, ou ainda “porque eles também têm vantagens em viverem assim, de um lado para o outro” (p. 33) (Castro & Correia, 2008). Ainda nos dias de hoje os ciganos são muitas vezes perseguidos. A população local tenta expulsá-los e agredi-los, chamando a polícia. Deve-se ao facto de frequentemente ocuparem terrenos públicos como pontes ou

jardins ou terrenos privados que possuem donos (Castro & Correia, 2008; Marques, 2013).

Verifica-se que os ciganos ainda não têm os mesmos direitos e igualdade que o resto da população. Mesmo tendo sido desenvolvidos vários programas de políticas sociais neste sentido ao longo dos anos. Destes programas distinguem-se: O ‘Programa de Educação Multicultural e Intercultural, os Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP), o Programa Novas Oportunidades, o Programa Escolhas e o Rendimento Mínimo Garantido (RMG), atualmente designado por Rendimento Social de Inserção (RSI)’ (p. 30) (Gonçalves, 2018).

A comunidade cigana apresenta fortes valores como a união entre a família, a prioridade que dão à família, assim como o respeito pelos ciganos mais velhos (Gonçalves, 2018; Azevedo, 2013). Na perspetiva de Dias, Alves, Valente e Aires (2006), os ciganos são, “de múltiplos pontos de vista, membros de uma minoria com identidade própria, presentes desde há séculos na sociedade portuguesa e portadores de dimensões próprias de relacionamento com o resto da sociedade, que se foram «petrificando» ao longo dos tempos” (p. 8).

2.2 Espaço como fonte de segregação social

A segregação desempenha um papel importante na perpetuação de desigualdades e preconceitos nas realidades cotidianas da vida social, mesmo em sociedades formalmente integradas. As pessoas passam o seu tempo do dia-a-dia em vários locais, como em locais públicos, que à primeira vista podem parecer oferecer a oportunidade de entrar em contacto com diferentes grupos sociais. O estudo da segregação intergrupal é importante por duas razões: Em primeiro lugar, ao limitar o acesso de alguns grupos sociais a recursos valiosos, a segregação ajuda a manter as desigualdades sociais nas instituições de saúde, habitação, educação e emprego. Em segundo lugar, ao limitar a interação entre membros de diferentes grupos sociais. O posicionamento no espaço é muitas vezes uma expressão situada da identidade social com ameaça de identidade endogrupal ajudando a moldar comportamentos microecológicos sob condições particulares. A preferência por interagir com o endogrupo está relacionada não apenas a atitudes e estereótipos étnicos negativos, mas também e de forma mais significativa aos membros do grupo que menor energia gastam ao conhecer outras pessoas que são

semelhantes, e não diferentes, com as quais se possam identificar. A auto-segregação pode refletir um impulso para a conservação de energia a um nível social e psicológico (Bettencourt *et al*, 2019).

As dificuldades que a população sente ao nível económico são cada vez mais evidentes. A organização do espaço urbano pode contribuir ou evitar a segregação espacial, no entanto, muitas vezes este processo contribui para a exclusão de minorias étnicas, tendo como principal objetivo separar as pessoas pobres das pessoas ricas. Os bairros sociais muitas vezes são considerados ocupações ou considerados ilegais e por este motivo, afastado da maioria das habitações. A segregação do espaço está intimamente ligada a aspetos culturais e económicos, o que está correlacionado com o facto de uma grande parte da população não ter ferramentas para evitar esta realidade. Através da segregação socioespacial, existe uma divisão de classes sociais, não sendo possível que as pessoas sejam livres de escolher a sua trajetória de vida, elevando a desigualdade. No entanto, a solução seriam a atuação das políticas públicas de modo a reorganizar o espaço urbano. Não obstante, quando se requerem mudanças sociais, deve-se ter em consideração a história e o dia-a-dia de cada pessoa, assim como o lugar, ou seja, não se irá realojar uma pessoa no Porto se a sua vida sempre foi em Lisboa. Mais que simplesmente suprir as necessidades fisiológicas e de segurança do homem, a casa é a sua própria identidade, é com ela que ele se identifica enquanto sujeito de uma comunidade, enquanto cidadão. Como nos diz Bachelard (1996), a casa é “o nosso canto no mundo” e isso deve ser considerado (Andrade & Mota, 2017; Colombo, 2006; Da Silva *et al*, 2016).

De forma geral, as pessoas por um lado ocultam a sua verdadeira morada, tentando ser identificado pela morada de um vizinho próximo cuja casa e, consequentemente, as pessoas que vivem nela são melhores e, por outro lado, dizendo que as características estereotipadas e negativas atribuídas ao seu ambiente de vida são do ambiente de vida do outro. É comum encontrar moradores que quando perguntado a sua morada, dizem outro bairro ou um local próximo de onde vivem, mas não a morada em si (Bernardo & Palma-Oliveira, 2016). Para a organização do espaço urbano, a desigualdade económica é das características mais importantes, pois é esta que causa a segregação social, espacial, assim como problemas ambientais (Colombo, 2006).

A comunidade cigana é conhecida por viverem num mesmo local todos juntos, no entanto, já existem elementos da comunidade cigana que vivem em moradias separados

da comunidade, vivendo apenas com a sua família mais próxima. Aproximando-se mais de um estilo de vida “ocidental”.

A homogeneização social de alguns bairros forma também uma identidade própria com o crescimento acelerado do espaço urbano, que são marcados pelo nível económico de cada um. Estas identidades marcam-se pela forma como o espaço em que estão inseridos está organizado, que por consequência, irá criar uma forte disparidade no que diz respeito a outros bairros, tanto socialmente, como culturalmente, como espacialmente. A segregação espacial, nestes casos, intensifica a segregação étnica. Em Portugal temos o exemplo dos ciganos, e no Brasil por exemplo, existem as favelas que são o resultado de vários anos de exclusão social baseado em preconceitos, pobreza, cor da pele, etc. Se pensarmos, os ciganos vivem em condições muitas vezes equiparadas às favelas brasileiras (Negri, 2010; Quadros, 2018).

2.3 Estereótipos em relação à comunidade cigana

O comportamento da comunidade cigana é frequentemente interpretado de forma ameaçadora pela população que a ela não pertence. No entanto, o que distingue esta comunidade de forma positiva é a união familiar que sentem uns pelos outros, assim como a coesão social consequente. Manifestam de forma pública a sua alegria e ambiente de festa, que para eles representa algo bom e para as pessoas de fora, representa algo negativo. O facto de serem uma comunidade muito coesa vista pela população de fora faz com que os moradores que vivem perto deste bairro, em São João da Talha, os consideram ruidosos e que perturbam as suas atividades normais do dia-a-dia, assim como as aulas que decorrem na Escola Secundária junto ao bairro. O que nos leva a acreditar que a identidade de cíngano está intrinsecamente ligada a problemas e conflitos sociais mesmo que esta população não o considere nem reconheça, gerado geralmente pelo não cumprimento de regras e de normas sociais, apropriando-se também de espaços comuns (Júnior, 2013; Coutinho, 2014; Mendes, 2004).

A imagem da comunidade cigana, quando apresentada em programas de televisão, minisséries e documentários, colocam o cíngano de forma ridicularizada e exagerada. Estes estereótipos irão desvalorizar o grupo e reforçar a exclusão da sociedade perante estes. No entanto, na realidade, o cíngano vive em barracas nas periferias e sustenta-se como comerciante, sendo totalmente desprezado. A comunidade cigana é marcada pelo estigma

da criminalidade, sofrendo preconceitos na sociedade, sendo apelidados de ladrões ou criminosos (Júnior, 2013; Coutinho, 2014).

2.4 Estereótipos em relação aos lugares e seus efeitos

Existe muitas vezes a criação de estruturas territoriais que se tornam os únicos locais para acolher estes indivíduos, tornando-se de caráter “quase” obrigatório por não existirem outros locais, o que faz com que a comunidade cigana se veja obrigada a submeter a estas condições. Quando existe uma situação em que é negada uma casa, existe exclusão ligada à habitação. Algumas famílias ciganas não têm o direito de se deslocarem e fixarem livremente em qualquer lugar do território português que queiram, ou seja, na comunidade cigana muitas vezes não existe estabilidade nem a posse de uma habitação fixa. O facto desta população não ter estas condições faz com que os processos de mobilidade e fixação fiquem comprometidos, pois estas populações não podem fazer uso de um espaço privado de forma contínua (Castro, 2013; Provot, 1998; Moscovici, 2009).

Os modelos habitacionais que têm sido privilegiados pelas políticas públicas de habitação, ou seja, os bairros sociais, em particular quando são de ocupação exclusiva da comunidade cigana, são frequentemente percebidos negativamente por esta comunidade, conduzindo até a uma frequente recusa da sua ocupação. Este modelo de habitação ao contribuir para a segregação espacial desta comunidade, não é o modelo mais adequado para a comunidade cigana, que antecipa os resultados menos positivos que daqui advém. A alternativa, que cria bairros de habitação social com população de várias origens, entre ela a população de etnia cigana, também tem revelado a criação de conflitos internos entre diferentes grupos de população, a microsegregação de determinados grupos sociais e a criação de um estereótipo negativo em relação ao bairro. Como consequência, assiste-se ao abandono do alojamento atribuído por parte destas famílias (Castro, 2013; Rollero & Piccol, 2010; Lewicka, 2005; Insch & Florek, 2008).

Pode-se prever que as mudanças na forma como as pessoas percebem o espaço físico ocorrem por causa de atitudes raciais negativas em relação às pessoas. Em vez disso, ativar estereótipos sobre espaços físicos por si só pode deprimir percepções e avaliações desse espaço. Essas descobertas apoiam uma estrutura de espaço físico racializada, confirmando que a raça está incorporada não apenas nos corpos humanos e nas identidades sociais, mas também nas representações mentais das estruturas físicas. Os

estereótipos sobre o espaço físico, para além das atitudes negativas em relação às pessoas, são suficientes para tornar os espaços alvos de discriminação racial, com implicações para a segregação residencial e disparidades raciais em riqueza (Bonam *et al.*, 2020; Bonam *et al.*, 2017).

2.5 Vínculo ao lugar

O conceito de vínculo ao lugar define-se como o vínculo emocional sustentado com cenários físicos, envolvendo assim sentimentos que derivam da experiência real ou esperada. Este conceito diz-nos que não existe relação de afetividade humana que não esteja de alguma forma relacionada a aspectos de lugar (Felippe & Kuhnen, 2012; Lewicka, 2011). A dimensão relacional forma a base do conceito, deslocando o foco do ambiente estritamente físico para o ambiente social. Em consonância com esta conceção, Pretty *et al.* (2003) argumentou que a presença de relações de amizade no ambiente é um aspecto constitutivo do conceito de apego ao lugar. Para Moser *et al.* (2002), os laços sociais estão associados à sensação de estar em casa no bairro: quanto mais intensificam-se as relações locais, maior é a proporção de pessoas que se sentem totalmente em casa. De acordo com Lewicka (2005), o apego ao local é um forte preditor positivo dos laços de vizinhança (Rollero & Piccol, 2010; Lewicka, 2005; Insch & Florek, 2008).

Embora existam analogias que se mostram evidentes entre a teoria do vínculo e a noção de vínculo ao lugar, segundo Giuliani (2004), o vínculo ao lugar distingue-se por outras formas de afeto, tais como, laços afetivos entre indivíduos, pelo vínculo entre o ambiente e uma pessoa, pelo desejo de estar próximo de um lugar, ou até pelo sentimento de conforto e segurança (Giuliani, 2004 *cit in* Felippe & Kuhnen, 2012).

Segundo Kyle, Graefe & Manning (2005) e Hay (1998), estes sugerem que o vínculo ao lugar pode incluir outro elemento, ou seja, os vínculos sociais e as relações sociais significativas que ocorrem em ambientes específicos são um componente importante da relação entre a pessoa e o local. Trata-se de um fenômeno complexo e multifacetado que incorpora diferentes aspectos da ligação pessoa-lugar e envolve a interação de afeto e emoções, conhecimento e crenças, e comportamentos e ações em referência a um lugar. O local de vínculo pode definir-se como o vínculo afetivo que as pessoas estabelecem com ambientes específicos, onde têm tendência a permanecer e onde se sentem confortáveis e seguras. Na verdade, as pessoas desenvolvem laços afetivos com

lugares que em parte têm a ver com satisfação, já que permitem o controle e oferecem oportunidades de privacidade, segurança e serenidade (Mannino & Snyder, 2012; Rollero & Piccol, 2010).

A questão da ação social, ou seja, a participação local e os comportamentos cívicos, muitas vezes estão ligadas ao vínculo afetivo com o meio ambiente. Um forte vínculo implicaria uma maior motivação para a ação. O vínculo também pode surgir como um elemento importante que contribui para a preservação do *status quo* e, por isso, pode dificultar as mudanças e modificações territoriais. Mesch e Manor (1998) descobriram que o vínculo ao lugar está relacionado à avaliação do ambiente como um bom lugar para se viver: quanto mais as pessoas avaliam as características do ambiente físico e social, maior a probabilidade de vínculo ao lugar (Rollero & Piccol, 2010).

O próprio conceito de fixação de lugar refere-se à localização ou entidade geográfica específica. Da mesma forma, as noções de comunidade física envolvem uma localização geográfica específica com limites físicos claros, como um bairro, uma vila ou uma cidade. A maioria dos autores concorda que o desenvolvimento de vínculos afetivos com os lugares é um pré-requisito do equilíbrio psicológico e do bom ajustamento. Por mais móvel que a pessoa seja, existe sempre alguma forma de vínculo aos lugares presente na nossa vida. Além dos fatores demográficos, como a duração de residência, e sociais, como os laços sociais no local de residência, o lugar exerce a sua influência sobre o vínculo ao lugar através de características físicas e significados simbólicos, sendo o primeiro muitas vezes uma pista para o segundo (Mannino & Snyder, 2012; Lewicka, 2008; Stedman, 2003).

O vínculo ao lugar é multidimensional, e essas dimensões podem variar em saliência entre os indivíduos e locais. Por exemplo, as qualidades físicas de um lugar podem formar a base do vínculo, como o vínculo a um lugar com um clima semelhante aos lugares da infância. O vínculo também está enraizado nos aspectos sociais de um lugar, como as relações interpessoais positivas que ocorrem dentro dele. Tem em dimensões de pessoa, processo e local. Na dimensão do vínculo ao lugar, a ênfase pode ser nas características sociais, físicas ou em ambas. Grande parte da pesquisa sobre o vínculo ao lugar (e conceitos relacionados) tem-se concentrado nos seus aspectos sociais (Scannell & Gifford, 2010; Kyle & Chick, 2007).

2.6 Identidade de lugar

Desde a década de 1960, que se reconhece a importância dos espaços onde vivemos para a identidade do sujeito. Neste sentido, a identidade de lugar pode ser entendida como um caso particular de identidade social, constituída por aspectos de autoidentidade baseados no pertencimento a grupos geograficamente definidos e com os quais os sujeitos se identificam (Bernardo & Palma-Oliveira, 2016).

A identidade de lugar tem sido considerada como um aspeto da identidade social, derivada de processos de identificação, coesão e satisfação. Proshansky *et al.* (1983), propuseram que a identidade de lugar é uma estrutura cognitiva que contribui para os processos de autocaracterização e identidade social (Mannarinia *et al.*, 2006). Trata-se de uma interação entre, por um lado, as capacidades de memória, consciência e construção organizada que são características do organismo biológico e, por outro lado, as estruturas físicas e sociais e processos de influência que constituem o contexto social. A teoria do processo de identidade concentra-se em três processos básicos; pensamento, ação e afeto. O pensamento é o arranjo das ideias que resultam do pensamento, a ação é o processo de fazer algo, afetando para fazer a diferença em algo e alcançar um objetivo. Portanto, todos esses termos estão correlacionados uns com os outros. O processo inclui identidade pessoal e social e valores negativos e positivos. A estrutura social da identidade é regulada por uma acomodação, ou seja, formação de assimilação, absorção de novos elementos e ajustes na forma de identidade existente (Qazimi, 2014).

Aspectos particulares da identidade derivados de lugares aos quais pertencemos surgem porque os lugares têm figuras e imagens que têm significado e são significativas para nós. Os lugares representam memórias pessoais e sociais porque estão posicionados na matriz sócio-histórica das relações intergrupais. Os lugares não têm um significado permanente e a contribuição para a identidade nunca é a mesma. Estar em lugares diferentes ou novos, afeta a identidade por meio de acentuação ou atenuação, ameaça e deslocamento. No entanto, os lugares também são aninhados. O aninhamento é definido como um produto da definição social e pessoal, não de acordo com a hierarquia geográfica. Um processo no qual a identidade está ligada a um determinado lugar é por um sentimento de que você pertence a esse lugar. É um lugar onde você se sente confortável, por exemplo em casa, porque a maneira como você se define é simbolizada por certas qualidades daquele lugar. O geógrafo Relph chegou ao ponto de afirmar que

“O ser humano vive num mundo que está repleto de lugares significativos: ser humano é ter que conhecer o seu lugar” (Qazimi, 2014).

Os locais comuns representam marcos para membros da comunidade. O facto da comunidade se encontrar, partilharem visões e valores, estes lugares podem promover conhecimento recíproco para todos. Os lugares podem ser parques, praças, cafés, centros comunitários, bibliotecas, etc. Estes favorecem os encontros sociais, assim como oportunidades para encontros casuais entre os membros da comunidade, possibilitando trocas, tradições locais, partilha de significados e experiências. Estes lugares contribuem para a definição do eu na comunidade, aumentando assim a percepção de proximidade entre os membros da comunidade, assim como fortalecem a sua identidade social e as suas relações com a comunidade e os seus lugares (Gatti & Procentese, 2021; Lewicka, 2008; Palma-Oliveira & Hernández, 2011).

Por envolver o self, a identidade tem consequências para a cognição, o afeto e o comportamento. Por envolver o social, os processos de identidade estão inseridos em forças culturais, políticas e económicas mais amplas e dinâmicas. A identidade pode ser examinada como uma variável dependente e independente, tanto um efeito quanto uma causa. As nossas identidades são moldadas pelas experiências que temos com estímulos sociais e não sociais, as pessoas e os lugares que encontramos, e essas identidades afetam nossas respostas a novos eventos. A comunidade residencial de alguém pode ter significados pessoais que são construídos de tal forma que as experiências e imagens do lugar constituem uma extensão simbólica do self. A imagem do lugar onde se vive está relacionada não só à autoimagem, mas também ao vínculo afetivo e ao sentimento de pertença à comunidade em termos de território e de relação. Outros atributos importantes da identidade é que ela é fluida, multidimensional e socialmente relevante. Assim, os indivíduos têm identidades múltiplas, cuja importância e relevância variam conforme o contexto, para responderem às motivações sociais. O impacto de uma identidade dependerá não apenas de eventos ambientais, mas também da importância social atribuída a identidades específicas (Ujang, 2012; Mannarinia *et al*, 2006; Qazimi, 2014).

Em suma, pertencer a diferentes grupos sociais e ter diferentes papéis sociais influenciam como o espaço público e a identidade se relacionam. Lalli (1992) referiu-se a uma “identidade urbana” com a função psicológica de fornecer autoavaliações positivas aos residentes de um local. Ele argumentou que os ambientes urbanos têm uma imagem social, ou um conjunto de significados simbólicos (corporificados em presenças sociais,

características espaciais, celebrações culturais, etc.) que os torna singulares e únicos, diferenciando socialmente os residentes do resto das pessoas e proporcionando um sentimento subjetivo de identidade baseado no lugar. Portanto, os sentidos de identidade das pessoas podem derivar da sua identificação com uma categoria social, cujos membros pertencem a uma determinada área urbana (Di Masso, 2012).

2.7 Diferenças entre identidade e vínculo ao lugar

Uma das principais dificuldades em distinguir a identidade e vínculo ao lugar, continua a ser a falta de clareza na relação entre estes dois conceitos. Assim, podemos identificar pelo menos quatro posições diferentes no que diz respeito à relação entre o vínculo ao lugar e a identidade de lugar. Por um lado, vários autores consideram-nos o mesmo conceito e/ou usam ambos como sinônimos, ou operacionalizam o vínculo em termos de identidade, ou seja, um também pode ser entendido como incluindo o outro. Por exemplo, para Lali (1992), o vínculo ao lugar é um componente da identidade de lugar. Outros autores consideraram a identidade de lugar e o vínculo ao lugar como dimensões de um conceito maior, como o senso de lugar. Por fim, outra proposta sugere o vínculo ao lugar como um constructo multidimensional que incorpora fatores como a identidade, dependência do lugar e vínculos sociais. Uma pessoa pode estar vinculada a um lugar, mas não se identificar com ele. Ou seja, alguém que gosta de morar em um lugar e quer permanecer lá, mas não sente que esse lugar faz parte de sua identidade. Pelo menos não a sua identidade de lugar principal. E vice-versa, alguém pode ter uma alta identidade pessoal com um lugar e não um apego a um lugar elevado, por exemplo, sentir que pertence a um lugar, mas prefere não morar nele. (Hernández *et al*, 2007).

A identidade de lugar e o vínculo ao lugar são vínculos que as pessoas estabelecem com o meio em que realizam as suas atividades diárias e conduzem as suas vidas pessoais. A identidade de lugar, por si só, refere-se a uma conceção de si que foi construída a partir do lugar a que os indivíduos pertencem e incorpora elementos relacionados à imagem pública desse lugar. O vínculo ao lugar implica vínculos afetivos entre as pessoas e os arredores e o desejo de manter a relação com o lugar ao longo do tempo e em diferentes fases de suas vidas. Embora a relação entre esses dois conceitos ainda esteja aberta, há consenso de que o vínculo ao lugar é um vínculo afetivo-emocional com os lugares de residência, enquanto a identidade do lugar é um mecanismo cognitivo, um componente

do autoconceito e/ou da identidade pessoal em relação ao lugar onde pertence (Hernández *et al*, 2010).

2.8 Vínculo ao lugar como preditor das atitudes intergrupais

O vínculo ao lugar muitas vezes tem sido associado à disposição de um indivíduo de proteger um lugar de mudanças indesejáveis. Laços mais fortes entre pessoas e lugares estão relacionados ao aumento do ativismo refletindo o cuidado com os lugares, bem como atitudes e comportamentos pró-ambientais aprimorados e uma maior resistência a projetos de desenvolvimento que ameaçam o caráter que distingue um lugar (Wnuk & Oleksy, 2021).

Di Masso (2012) questionou a percepção dos espaços públicos como territórios neutros, destacando a sua natureza politizada baseada em lutas por pertencimento, identidade e direitos cívicos e mostrou que diferentes representações sociais de um lugar estão relacionadas à oposição dos moradores conflituosos do lugar (Di Masso, 2012).

A identidade de lugar e o significado simbólico atribuído a um lugar podem ser explorados para justificar atitudes excludentes em relação aos membros do grupo externo (Wnuk & Oleksy, 2021).

Atitudes em relação à diversidade social têm sido objeto de pesquisa em diferentes disciplinas sociais, que, no entanto, se concentram em diferentes tipos de explicações. Os psicólogos sociais consideram principalmente características individuais das pessoas, como o seu nível de conservadorismo, ou fatores que podem moldar a abertura das pessoas à presença de membros fora do grupo. Outros psicólogos sociais veem os conflitos sobre o espaço não em termos de diferenças de percepções individuais, mas como enraizados nas relações assimétricas de poder e como produtos de lutas ideológicas pela apropriação do espaço. Por outro lado, pesquisas em estudos urbanos, enfatizaram o papel das características do lugar na formação de comportamentos e atitudes das pessoas, incentivando ou desencorajando contactos sociais dentro do espaço urbano. O vínculo ao lugar pode estar associado ao desejo de exclusão de alguns grupos sociais desse espaço, ou pelo contrário à aceitação de diversidade social (Wnuk *et al*, 2021; Bernardo *et al*, 2016).

Para entendermos a identidade e vínculo ao lugar numa comunidade específica, precisamos de perceber o que significa o sentido de comunidade.

2.9 Sentido de comunidade

Sentido de comunidade foi definido por Sarason (1974) como “a sensação de que alguém faz parte de uma rede de relacionamento de apoio mútuo prontamente disponível.” As pessoas precisam de sentir essa pertença à comunidade e qualquer mudança social que a promova, aumenta o bem-estar individual e qualidade de vida social (Mannarinia *et al*, 2006).

Segundo Sarason (1974), o sentido de comunidade está relacionado a vários índices de qualidade de vida diária, como a satisfação com a vida, percepção de segurança e proteção, participação social e política e capacidade individual de usar estratégias de enfrentamento focadas no problema (Mannarinia *et al*, 2006).

McMillan e Chavis (1986) propuseram a ideia amplamente reconhecida de que “sentido de comunidade” é composto por quatro elementos: (1) adesão, (2) influência, (3) integração e (4) satisfação das necessidades e conexão emocional partilhada (Zhang & Zhang, 2017).

A experiência de fazer parte de uma comunidade local, como por exemplo, bairros, tem aspectos relevantes nas dimensões psicológicas, sociais, simbólicas e culturais das pessoas que vivem naquele lugar. Cenários de sociabilidade local, podem facilitar encontros e interações significativas, fortalecendo laços entre os membros da comunidade e o sentimento de fazer parte daquela comunidade. Ao frequentar estes lugares, os membros da comunidade têm uma maior probabilidade de partilhar pontos de vista e opiniões, definir metas entre si e planear ações comuns tanto a nível pessoal como da comunidade, assim como apoiarem-se uns aos outros (Gatti & Procentese, 2021).

Comprovou-se em um estudo que, ter um sentido de comunidade previu bem-estar social, especialmente integração social e contribuição social. Também foi descoberto que a coesão da vizinhança estava significativamente associada às atividades da vida diária, depressão, uma sensação de saúde e felicidade subjetiva. Outro estudo descobriu que a confiança da comunidade é o único fator que afetou a autoavaliação da saúde no nível individual (Zhang & Zhang, 2017).

O sentimento psicológico de comunidade, trata-se de uma conexão com outras pessoas que pode formar a base para um senso mais amplo de comunidade. Sentido de comunidade refere-se a um sentimento de pertença e de ser capaz de depender de uma comunidade maior (Mannino & Snyder, 2012). Para além disso, os espaços comuns e encontros sociais dentro de uma comunidade, associam-se a oportunidades de exploração de expressar representações pessoais e representações acerca dos lugares, das dimensões relacionadas com a comunidade, com a identidade das pessoas e o vínculo que estas pessoas sentem com a comunidade (Gatti & Procentese, 2021).

O sentido de comunidade é muitas vezes definido como um sentimento em que os membros pertencem a algo, um sentimento de que os indivíduos são importantes uns para os outros e para o grupo, assim como um sentido de que os indivíduos sabem que as suas necessidades serão atendidas pelo compromisso de estarem juntos, e por este motivo, existe uma maior capacidade de resolução de problemas entre eles, através do esforço de forma coletiva. O sentido de comunidade não se limita apenas a uma região geográfica, no entanto, a proximidade entre vizinhos pode oferecer oportunidades de interação social e apoio. Estudos revelam que quanto maior o sentido de comunidade, maior influência os indivíduos sentirão com o ambiente, de forma imediata (Francis *et al*, 2012).

Os vínculos que os indivíduos sentem em relação à comunidade são compostos por vários elementos, tais como a adesão, que se trata da relação pessoal com outros membros e com a comunidade como um todo, que se deve à autoidentificação de alguém como membro daquela comunidade; a influência recíproca entre a comunidade e os seus membros; a satisfação das necessidades individuais pela comunidade e a sensação de partilha, de integração e união positiva; e a conexão emocional partilhada, que diz respeito às crenças de que a comunidade tem um passado comum identificável e que os seus membros passam tempo juntos, frequentando lugares físicos e partilhando experiências. A comunidade facilita a criação de laços e a coesão local, assim como a frequentaçāo em atividades em conjunto, que desempenha um papel fundamental na formação das representações, significados e oportunidades dos membros da comunidade expressarem o seu vínculo com a comunidade. De forma geral, refere-se à identidade dos indivíduos como membros da comunidade, mas também se refere a um nível de pertença e de que os membros são importantes uns para os outros (Gatti & Procentese, 2021).

Lugares-comuns e de habitação são o centro da comunidade local, pois são ambientes de vínculo entre os membros da comunidade, bem como com a comunidade e

os lugares. Estes favorecem os encontros sociais, assim como oportunidades para encontros casuais entre os membros da comunidade, possibilitando trocas, tradições locais, partilha de significados e experiências (Gatti & Procentese, 2021).

Estudos existentes descobriram que a qualidade do ambiente da comunidade e da vizinhança é um determinante poderoso do bem-estar. Ou seja, ambientes de comunidade e vizinhança pobres estão frequentemente relacionados a vários problemas de saúde e bem-estar, como risco de depressão, comportamentos de risco à saúde, baixo bem-estar subjetivo e comportamentos promovidos pela saúde (Zhang & Zhang, 2017).

3. Objetivos do Estudo

O objetivo geral deste estudo é perceber como uma comunidade cigana que habita num bairro (Cida-Talha) segregada de forma socioespacial do resto da cidade (S. João da Talha), e assim fortemente associado à sua identidade social de ciganos, se vincula ao seu local de residência e de que forma, esse vínculo está associado à sua identidade ao lugar, e às relações intergrupais, ao sentido de comunidade e às perspetivas futuras em contexto de possibilidade de mudança de residência. Trata-se de um estudo de campo com uma amostra não clínica e comunitária.

3.1 Hipóteses

H1: Espera-se que os residentes com vínculo forte versus fraco (medido à posteriori através da mediana) mostrem diferenças significativas na identidade social de “cigano”, na identidade ao bairro, e na identidade à freguesia de São João da Talha, mas espera-se que não existam diferenças significativas em relação à identidade a Portugal.

H2: Espera-se que, os residentes com vínculo forte versus fraco apresentem diferenças significativas em termos de relações intergrupais.

H3: Espera-se que, os residentes com vínculo forte versus fraco apresentem diferenças significativas em relação ao sentido de comunidade.

H4: Espera-se que a idade e tempo de residência estejam fortemente correlacionadas com o vínculo ao lugar.

3.2 Estudo de Caso

A comunidade cigana em São João da Talha, no concelho de Loures, instalou-se por volta do ano 1971, com a instalação da “numerosa família dos Romões e Ciclones em barracas de madeira, lata e plásticos, em terrenos um pouco acima da N10”.

Inicialmente instalaram-se em barracas, em dois espaços relativamente perto, um por baixo da escola secundária, logo à entrada da vila e outro, mais acima, perto da escola EB1 nº1, cerca de 250 pessoas de etnia cigana nesta zona, já há 50 anos.

Em 2008, foi criado o bairro Cida Talha, para acolher apenas indivíduos da comunidade cigana. Foram realojadas 24 famílias das cerca de 40 famílias existentes. O realojamento foi feito para um local perto do antigo acampamento, de modo que as pessoas pudessem continuar a trabalhar e estudar nos mesmos sítios onde o faziam anteriormente.

Existem, hoje, dois conjuntos de habitações sociais, habitadas unicamente por indivíduos de etnia cigana (figura 1). É considerada a maior aglomeração do género, no concelho de Loures. O bairro está geograficamente separado das construções ao seu redor, ou seja, está do lado oposto da rua onde se encontram a maior parte dos prédios de pessoas que vivem em São João da Talha. Apresenta ainda uma configuração espacial em torno de dois páticos, onde nas traseiras existem mais casas, neste caso duplex's (figura 2). Na fachada, veem-se dois prédios grandes, no entanto, seguem-se várias casas seguidas a esses prédios na parte de trás, o que se mostra também diferente dos prédios ao seu redor. Entre estas casas, existem espaços comuns com canteiros de flores, para os habitantes desta população poderem estar em constante contacto. No entanto, por rixas anteriores, alguns habitantes fecharam as portas que teriam viradas para esse pátio e abriram portas do outro lado da rua para poderem estar mais isolados. Estas habitações são amarelas-claro. Muitos habitantes queixam-se das condições, pois cada vez são mais pessoas dentro de um apartamento. É visível que as condições exteriores dos prédios estão a deteriorar-se e que necessitariam de obras.

Numa entrevista dada ao SJTalha Online, o presidente da Junta de Freguesia de São João da Talha, refere que as habitações deste bairro são constituídas por duplex's T3 e T4, onde poderão viver até doze pessoas.

(Via Jornal Público, Tvi24, CMJornal, Câmara Municipal de Loures)

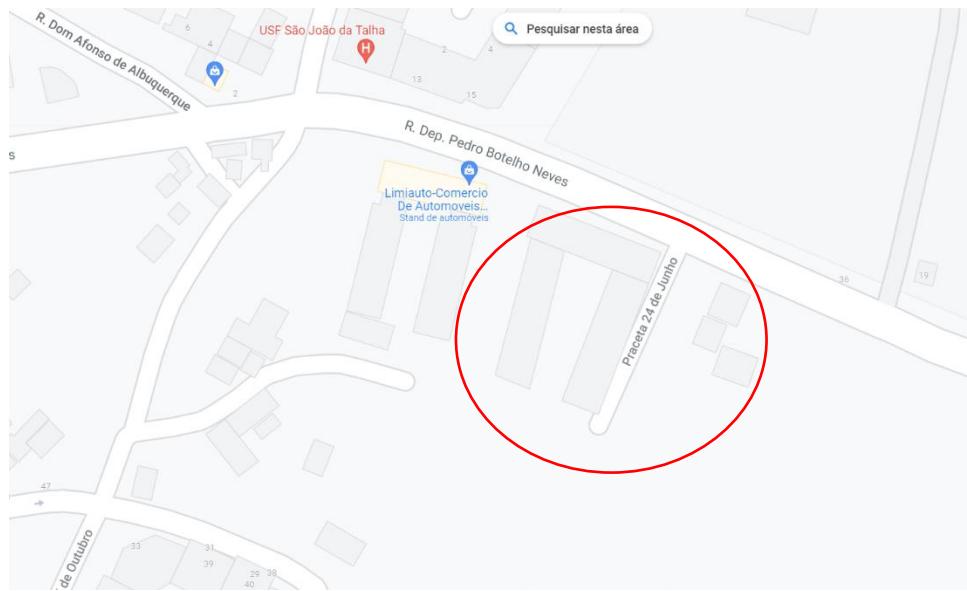


Figura 1 – Zona atual do bairro Cida-Talha (via Google Maps)



Figura 2 – Bairro Cida-Talha



Figura 3 – Jovens do bairro Cida-Talha

4. Método

Nesta investigação foi utilizada uma metodologia quantitativa, através de um questionário constituído por perguntas fechadas maioritariamente, constituído por 42 itens e 5 itens de caracterização sociodemográfica.

4.1 Recolha de dados

A recolha de dados teve início no dia 11 de fevereiro de 2022 e fim no dia 9 de março de 2022. No entanto, existiram uns encontros entre dezembro de 2021 e janeiro de 2022 para perceber se era possível realizar um estudo com a comunidade cigana de São João da Talha.

Foi realizada apenas uma entrevista a um dos membros mais velhos da comunidade para melhor conhecer esta antes de serem aplicados os questionários.

4.2 Participantes

Nesta investigação, participou uma amostra comunitária composta por 86 participantes, 43 do sexo feminino e 43 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 15 e os 65 anos ($M=32.33$; $DP=13.610$) em que 48 são indivíduos solteiros, 34 são casados ou juntos e 4 são divorciados ou viúvos. Dos 86 participantes, 14 não tinha escolaridade, 4 pessoas tinham o 1º ano de escolaridade, 9 pessoas o 2º ano, 8 pessoas o 3º ano, 12 pessoas o 4º ano, 13 pessoas o 5º ano, 19 pessoas, o 6º ano, 5 pessoas o 7º ano e 2 pessoas o 9º ano. Sendo então, o 6º ano, o mais frequente. Não existem participantes com mais do que o 9º ano de escolaridade, revelando-se abaixo da média da população portuguesa.

Os critérios de inclusão neste estudo consistiam em ter pelo menos 15 anos de idade (inclusive) e residir no bairro Cida-Talha, em São João da Talha.

4.3 Instrumentos

O instrumento utilizado nesta investigação é um questionário de respostas fechadas composto por diversas escalas, sendo que cada uma destas avalia cada um dos constructos em estudo (anexo B). A construção do questionário teve como base as seguintes escalas:

(1) *Escala de vínculo ao lugar* (Lewicka, 2011) - Trata-se de uma escala tipo Likert composta por nove itens que avalia o vínculo ao lugar. Sete itens são aspectos positivos e dois deles, têm um enquadramento negativo, estando classificados numa escala de 5 pontos. Todos os itens foram traduzidos e adaptados. Cada item foi avaliado apenas relativamente ao bairro Cida-Talha.

O instrumento é composto pelos itens (1) “*I miss the place when I am not here*” (Eu tenho saudades deste lugar quando não estou aqui); (2) “*I feel foreign here*” (Eu aqui sinto-me um estranho); (3) “*I feel safe here*” (Eu aqui sinto-me seguro); (4) “*I am proud of this place*” (Eu tenho orgulho em viver neste lugar); (5) “*This place is part of me*” (Este lugar faz parte de mim); (6) “*I would like to move out from this place*” (Eu gostaria de sair deste lugar); (7) “*I want to be engaged in its affairs*” (Eu quero estar envolvido nos assuntos deste bairro); (8) “*I am rooted here*” (Eu tenho raízes aqui); (9) “*I would like my family and friends to live here in the future*” (Eu gostaria que a minha família e amigos vivessem aqui no futuro).

(2) *Atitudes intergrupais – baseado no artigo (Wnuk & Oleksy, 2021).*– Este instrumento foi construído para avaliar as atitudes intergrupais, com a pergunta: “*Em que medida gostaria de viver num bairro em que*” em que os participantes teriam de responder numa escala tipo Likert de 5 pontos para cada resposta, constituída por 3 itens. “Se só tivesse moradores de cultura cigana”; “Tivesse moradores de cultura cigana e morados de cultura não cigana”; “A população fosse na sua grande maioria população de cultura não cigana”.

(3) *Contents of Identity* adaptado de (Wnuk, & Oleksy, 2021) – Trata-se de uma escala tipo Likert composto por 4 itens para avaliar a identidade. Este instrumento questionava “*Quando pensa em si próprio em que medida pode dizer que se sente*”. Para esta pergunta existiam 4 itens, “*Cigano*”; “*Deste bairro*”; “*Português*”; “*De São João da Talha*”.

(4) *Identidade ao lugar* (Bernardo & Palma-Oliveira, 2016) – Este instrumento é avaliado através de uma Escala de Likert para avaliar o apego e a identidade ao lugar. Tendo sido adaptado de (Bernardo et al, 2016). É composto por 12 itens divididos por 3 contextos diferentes, correspondendo 4 itens a cada contexto (identidade ao bairro (“Identifico-me com este bairro”), à cidade (“Identifico-me com São João da Talha”) e ao país (“Identifico-me com este país”)).

(5) *Solidariedade à comunidade baseado na escala de solidariedade social* (Buttel, Martinson & Wilkening, 1979) que se basearam no trabalho de (Fessler's, 1952) – Foi avaliada através de uma escala de Likert com 4 itens para a solidariedade à comunidade. Todos os itens foram traduzidos e adaptados. (1) “*I feel free to stop by and visit with most people in this neighborhood*” (Sinto-me à vontade para andar por aqui e visitar a maioria das pessoas deste bairro); (2) “*I know the people living around here quite well*” (Conheço bastante bem as pessoas que vivem aqui); (3) “*I feel at home almost anywhere in this community*” (Sinto-me em casa em quase todos os lugares desta comunidade); (4) “*Most of the time I do not really feel like a member of this community*” (Na maioria das vezes, não me sinto realmente um membro desta comunidade). Sendo que apenas o último item (4) ficou de forma negativa.

6) *Redes sociais* – Foi criada uma escala para avaliar as Redes Sociais no bairro de Cida-Talha. Foi pedido para escolher uma das seguintes opções para cada pergunta: (1) Família; (2) Vizinho da comunidade cigana; (3) Vizinho não cigano; (4) Amigo em

comum; (5) Amigo da comunidade cigana; (6) Amigo não cigano. Às perguntas relacionadas com a saúde (1) “*Quando tem um problema de saúde, a quem recorre geralmente?*”; com questões mais afetivas (2) “*Quando precisa de conversar sobre a vida/desabafar a quem recorre?*”; com questões financeiras (3) “*Se precisasse de apoio financeiro a quem recorreria?*”; com questões informacionais (4) “*Quando precisa de informação sobre qualquer assunto a quem recorre?*”

(7) *Perspetivas de futuro* – Para avaliar as perspetivas de futuro, foi idealizada uma escala com a pergunta “*Se ganhasse o Euromilhões, o que fazia/para onde iria morar?*”. Cada participante teria de escolher uma das opções às perguntas que se seguiam à pergunta principal. Sendo estas (1) “*Ficaria aqui*” ou “*Ia para outro lugar*” (caso o participante escolhesse a segunda opção, responderia às perguntas seguintes, se não, passaria diretamente para a pergunta dos 25 mil euros; (2) Ia “*Para uma comunidade cigana*”; “*Para uma comunidade mista onde também houvesse ciganos*” ou “*Comunidade não cigana maioritariamente*”; (3) Era feita a pergunta “*Gostaria que outras pessoas desta comunidade também fosse consigo?*”, onde a resposta seria de “*sim*” ou “*não*”.

Ainda para avaliar as perspetivas de futuro, foi feita a pergunta “*Se não ganhasse o Euromilhões, mas ganhasse um dinheiro extra (25 mil euros, por exemplo), para onde iria?*” onde as opções de resposta eram “*Ficaria aqui no bairro*” ou “*Ia para outro lugar*”. Caso o participante escolhesse a segunda opção, teria de indicar para onde iria.

4.4 Procedimento

Primeiramente, foi realizada uma abordagem à comunidade, onde foi explicado o estudo em si e o que consistia e estes aceitaram participar.

De seguida, antes de elaborar o questionário, realizou-se uma entrevista com alguma profundida a um dos membros mais velhos da comunidade para perceber o contexto da comunidade e para ajudar a construir o questionário. Os questionários foram traduzidos e retraduzidos antes de serem aplicados. Para dar validade ecológica ao questionário que foi apresentado, este último foi aplicado na primeira vez a três pessoas para perceber a adequação das perguntas. Nesta aplicação, percebeu-se que existia um problema com a pergunta “sinto-me cigano” em específico, onde optou-se por dividir em duas partes no questionário, separando “sinto-me cigano” de “sinto-me português”,

deixando de ativar o estereótipo em relação aos ciganos, que estes não seriam portugueses. Foi alterado também pequenas palavras, como “residentes” para “moradores”, após a incompreensão da primeira palavra na primeira aplicação.

Após o protocolo de recolha de dados se encontrar finalizado, iniciou-se a recolha de dados no dia 11 de fevereiro de 2022, tendo tido uma duração de aproximadamente um mês, tendo sido finalizado a 9 de março de 2022.

Procedeu à recolha de dados, a aplicação de um consentimento informado, de modo a cumprir todas as questões éticas inerentes à recolha e tratamento dos dados. Os participantes foram informados acerca do âmbito e objetivo da investigação, de que a sua participação era inteiramente voluntária, podendo desistir a qualquer momento, e que todos os dados recolhidos eram confidenciais, sendo posteriormente analisados de forma conjunta com os dos restantes participantes (ver anexo A). Para a seleção de indivíduos a participar no estudo, seguiram-se enquanto critérios de inclusão ter idade a partir dos 15 anos de idade e ser do bairro Cida-Talha.

A recolha de dados foi feita com todos os procedimentos de segurança, presencialmente, em suporte papel no bairro Cida-Talha, em São João da Talha, vários dias por semana, no decorrer do mês de fevereiro e início de março.

Quando os participantes receberam o questionário em versão papel, na primeira página tinham na parte superior da página, em que consistia o estudo, assim como era dada uma folha à parte com o consentimento informado, que lhes era entregue. O consentimento informado teria descrito as condições de participação, nomeadamente o caráter voluntário e não-remunerado, a garantia do anonimato, confidencialidade das suas respostas e a informação de que poderiam desistir em qualquer momento da participação. Caso os participantes aceitassem colaborar, deveriam apenas preencher o questionário em papel fornecido, com uma caneta fornecida também.

As escalas do questionário foram apresentadas primeiro, sendo a última secção destinada aos dados sociodemográficos.

Em relação ao tratamento dos dados, o primeiro passo foi retirar três sujeitos da amostra porque estavam há menos de 1 ano a viver na comunidade e tinham pouca influência no estudo (passando de 89 para 86 participantes). Posteriormente, inverteu-se

o item 4 da escala de solidariedade à comunidade e de seguida passou-se à verificação de alphas das escalas e subescalas e análises estatísticas.

5. Análise da Consistência Interna dos Instrumentos

Para o tratamento e análise dos dados, utilizou-se o programa IBM SPSS Statistics 24. Iniciou-se o procedimento pela análise da consistência interna (Alpha de Cronbach) das 5 diferentes escalas. Foi testada a consistência interna dos itens de cada instrumento utilizado, de modo a perceber se as propriedades métricas das escalas foram preservadas (ver tabela 1). A consistência interna remete para a inter-relação dos itens em medir o mesmo constructo no instrumento (Tavakol & Dennick, 2011).

Tabela 1. *Alpha de Cronbach*

O vínculo ao lugar apresentou um alpha médio, como se pode verificar na tabela 1 ($\alpha=.786$). A identidade ao lugar, a São João da Talha e a Portugal apresentaram um alpha alto, sendo muito perto de 1 ($\alpha=.922$; $\alpha=.919$; $\alpha=.934$) respetivamente.

A escala com os 4 itens apresentou um alpha muito baixo, pelo que se optou por retirar os itens 3, 4 e 6, contudo, o alpha mantém-se baixo.

	Nº de itens	α de Cronbach
Vínculo ao lugar	8 (sem o item 6)	.786
Identidade ao bairro	4	.922
Identidade São João da Talha	4	.919
Identidade a Portugal	4	.934
Comunidade	2 (sem os itens 3 e 4)	.623

6. Resultados

Estatísticas descritivas

Num primeiro momento apresenta-se as médias e desvios padrão das variáveis estudadas (Tabela 2).

A estatística descritiva mostra que, tendo usado uma escala de tipo Likert de 5 pontos, em que 1 corresponde a “discordo totalmente” e 5 “concordo totalmente”, o vínculo ao lugar apresenta a média mais baixa ($M=3.56$), sendo, portanto, o valor mais distante de 5. A Identidade ao bairro e a São João da Talha, apresentaram valores superiores a 4 ($M=4.19$; $M=4.61$) respetivamente. Contudo, verificou-se uma maior identidade à medida que a escala aumenta, isto é, menor identidade ao bairro, do que a São João da Talha, e uma identidade extremamente alta em relação ao país ($M=4.90$). A escala de solidariedade à comunidade apresenta uma média de ($M=4.74$, $DP=.689$), o que já se aproxima muito do 5. A Identidade a Portugal mostrou-se o valor mais superior, tendo uma média de ($M=4.90$, $DP=.488$), o que se aproxima muito de 5.

Tabela 2. Médias e Desvios-Padrão

	Média	Desvio Padrão
Vínculo ao lugar	3.56	.928
Identidade ao bairro	4.19	1.251
Identidade São João da Talha	4.61	.968
Identidade a Portugal	4.90	.488
Solidariedade à comunidade	4.74	.689

Num segundo momento, fez-se uma análise correlacional, como se pode verificar na tabela seguinte.

Em relação à tabela 3, pôde-se verificar que a idade e o tempo de residência estão correlacionados (.705**), existindo assim uma correlação alta e positiva, tendo diferenças significativas na amostra. Pôde-se comprovar também que quantos mais anos o indivíduo vive no bairro, mais identidade apresenta em relação a este. Assim como existe uma correlação alta e positiva entre o vínculo ao lugar e a identidade ao bairro (.646**), apresentando diferenças significativas na amostra. Quanto mais identidade tem ao bairro, também tem mais identidade a São João da Talha (.703**), tendo uma correlação positiva e alta e apresenta diferenças significativas. A ligação à comunidade aparece

correlacionada com o vínculo ao lugar, com uma correlação média e com diferenças significativas (.580**), assim como com a identidade ao bairro e a São João da Talha (.565**; .579**).

Pôde-se verificar também que quanto mais se sentem do bairro, mais têm identidade ao mesmo (.568**). Apresentando uma correlação média, positiva e diferenças significativas, tais como quanto mais se sentem portugueses, também sentem mais identidade a São João da Talha (.541**). Assim como São João da Talha e a identidade ao bairro estão mediamente correlacionadas, de forma positiva (.486**) e têm diferenças significativas. Tais como quanto mais se sentem de São João da Talha, mais sentem ligação à comunidade (.420**). E quanto mais se sente de São João da Talha, mais se sente português (.615**).

Tabela 3. Análise Correlacional

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	1.	
1. Idade	1															
2. Quantos anos vive		.705**														
3. Vínculo ao lugar			-.085	.03												
4. Identidade ao bairro				.093	.252*	.646**										
5. Identidade a S. J. T.					.133	.351**	.354**	.703**								
6. Identidade a Portugal						.188	.227*	.105	.305**	.435**						
7. Sol. à comunidade							.015	.245*	.580**	.565**	.579**	.362**				
8. Viver num bairro só de ciganos								-.031	.107	.305**	.341**	.205	.023	.195		
9. Viver num bairro com ciganos e não ciganos									.076	.102	-.087	-.261*	-.09	.078	-.343**	
10. Viver num bairro maior... de não ciganos										.106	.084	.068	-.084	-.038	.229*	
11. Cigano											.108	.197	.2	.182	.187	.145
12. Deste bairro												.123	.123	.474**	.568**	
13. Português													.067	.105	.225*	
14. São João da Talha														.095	.218*	
15. Sinto-me em casa nos lugares desta comunidade															-.046	
16. Não me sinto membro comunidade															-.036	

Num momento seguinte, para se testar as hipóteses começou-se por dividir a amostra em função da mediana da escala de vínculo ao lugar em participantes com alto vínculo e participantes com baixo vínculo. O valor da mediana usado foi 3,938.

Para testar a hipótese 1, foi realizado um T-student para as variáveis identidade em função dos 2 grupos de vínculo ao lugar.

Tabela 4. *Médias e resultados do T-student para os 3 níveis de identidade ao lugar para os dois grupos de vínculo*

Em relação à H1, como se verifica na tabela 4, os residentes com vínculo baixo ou alto revelaram diferenças significativas para a identidade de bairro e a São João da Talha. Em que os sujeitos que manifestaram um vínculo baixo em relação ao seu local de residência, revelaram também mais baixa identidade ao bairro e mais baixa identidade a São João da Talha. Este processo não se verifica para a identidade nacional, onde não houve diferenças significativas. O que se confirma a H1.

	Vínculo Baixo	Vínculo Alto Média	t	sig
	Média			
Identidade ao bairro	3.52	4.87	-5.955	.000
Identidade São João da Talha	4.32	4.91	-2.937	.004
Identidade a Portugal	4.87	4.94	-.716	.476

Tabela 5. *Médias e resultados do T-student para os 4 níveis de identidade ao grupo*

Como se verifica na tabela 5, apresentar um vínculo baixo ao sítio onde se mora está associado a sentirem-se menos ciganos do que aqueles que apresentam um vínculo maior. Assim como, se sentem menos daquele bairro e menos de São João da Talha. Este processo não se verificou para a identidade nacional, onde não há diferenças significativas.

	Vínculo Baixo	Vínculo Alto Média	t	sig
	Média			

	Média			
Cigano	4.19	4.74	-2.141	.035
Deste Bairro	3.67	4.86	-4.480	.000
S. João da Talha	4.35	4.84	-2.079	.041
Português	4.67	4.91	-1.265	.209

Tabela 6. Médias e resultados do T-student para as relações intergrupais

Em relação à H2, os resultados apresentados na tabela 6, mostraram que só existem diferenças significativas entre os sujeitos de baixa e alta identidade, em relação ao desejo de viver num bairro com apenas ciganos. Contudo, quando olhamos para o valor das médias, o que se verifica é que tanto os sujeitos com vínculo baixo como com vínculo alto, apresentam menor desejo em viver num bairro só com ciganos ($M=2.12$ e 3.05 respetivamente), do que um bairro misto ou maioritariamente com não ciganos. Pelo que a H2, não se confirma.

	Vínculo Baixo	Vínculo Alto	t	sig
	Média	Média		
Viver num bairro só de ciganos	2.12	3.05	-2.404	.018
Viver num bairro com ciganos e não ciganos	4.42	4.07	1.314	.192
Viver num bairro maioritariamente de não ciganos	4.26	3.84	1.227	.223

Tabela 7. Médias e resultados do T-student para a relação com comunidade do bairro

Em relação à H3, como se verifica na tabela 7, quando as pessoas têm um vínculo mais baixo, sentem-se menos à vontade na comunidade, sentem-se menos em casa na comunidade e não se sentem membros da comunidade.

No que diz respeito ao sentirem-se à vontade na comunidade, apesar das diferenças terem sido significativas entre os dois grupos, o que se verificou é que mesmo o grupo com baixo vínculo à identidade, apresenta um valor elevado ($M= 4.48$) numa

escala que varia de 1 a 5, manifestando que se sentem à vontade na comunidade onde vivem. A H3 não se confirma.

	Vínculo Baixo	Vínculo Alto Média	t	sig
	Média			
Sentir-se à vontade na comunidade	4.48	5.0	-3.787	.000
Sinto-me em casa quase em todo o lado nesta comunidade	3.65	4.49	-2.862	.005
Grande parte do tempo eu não me sinto membro desta comunidade	3.19	4.23	-3.097	.003

Tabela 8. *Redes sociais*

8.1. Quando tem um problema de saúde, a quem recorre geralmente?

Pôde-se verificar que os indivíduos de alto vínculo recorrem ao vizinho da comunidade cigana quando têm um problema de saúde, e os de vínculo baixo ao amigo da comunidade cigana. No entanto, tanto os indivíduos de baixo como de alto vínculo, recorreram na sua maioria, à família.

	Vínculo Baixo	Vínculo Alto Freq.
	Freq.	
Família	35	33
Vizinho da comunidade cigana	1	8
Vizinho não cigano	1	0
Amigo em comum	1	0
Amigo da comunidade cigana	5	2
Amigo não cigano	0	0

8.2. Quando precisa de conversar sobre a vida/desabafar a quem recorre?

Verificou-se que tanto os indivíduos de baixo como alto vínculo, recorrem ao vizinho da comunidade cigana quando precisam de conversar/desabafar. Assim como ao amigo da comunidade cigana. Os indivíduos de baixo vínculo recorrem ao amigo não cigano, ainda que seja uma pequena minoria. No entanto, tanto os indivíduos de baixo como de alto vínculo, recorrem na sua maioria, à família.

	Vínculo	Vínculo Alto
	Baixo	Freq.
	Freq.	
Família	29	28
Vizinho da comunidade cigana	5	6
Vizinho não cigano	0	0
Amigo em comum	0	1
Amigo da comunidade cigana	5	8
Amigo não cigano	4	0

8.3. Se precisasse de apoio financeiro a quem recorreria?

Comprovou-se que os indivíduos de alto vínculo recorrem ao vizinho e ao amigo da comunidade cigana quando necessitam de apoio financeiro, no entanto, tanto os indivíduos de baixo como de alto vínculo, recorrem na sua grande maioria, à família.

	Vínculo	Vínculo Alto
	Baixo	Freq.
	Freq.	
Família	40	30
Vizinho da comunidade cigana	0	8
Vizinho não cigano	1	0
Amigo em comum	1	0
Amigo da comunidade cigana	1	5
Amigo não cigano	0	0

8.4. Quando precisa de informação sobre qualquer assunto a quem recorre?

Constatou-se que os indivíduos de baixo vínculo recorrem ao vizinho da comunidade cigana quando precisam de informação sobre qualquer assunto, e menos os de baixo vínculo. Tanto os indivíduos de alto como baixo vínculo, recorrem ao amigo da comunidade cigana. E ainda, os de baixo vínculo, recorrem também ao amigo não cigano. No entanto, tanto os indivíduos de baixo como de alto vínculo, recorrem na sua maioria, à família.

	Vínculo	Vínculo Alto
	Baixo	Freq.
	Freq.	
Família	28	26
Vizinho da comunidade cigana	3	9
Vizinho não cigano	1	0
Amigo em comum	1	0
Amigo da comunidade cigana	5	6
Amigo não cigano	5	2

Pôde-se verificar de forma geral, que os indivíduos recorrem essencialmente à família. No entanto, recorrem menos à família quando precisam de desabafar/conversar e quando precisam de alguma informação, e recorrem mais à família no que diz respeito a problemas de saúde ou apoio financeiro.

Tabela 9. Resposta à questão “Se ganhasse o Euromilhões ficaria no bairro e ficaria em São João da Talha”

Tendo em conta que se trata de uma população com baixos recursos e com baixa probabilidade de poder mudar de local de residência, colocou-se uma pergunta hipotética que poderia concretizar essa possibilidade. Assim em relação à questão “Se ganhasse o Euromilhões, se ficaria no bairro”, a maioria dos inquiridos afirmaram que não ficariam, (73,3%). Para avaliar se o desejo de permanecer depende do grau de vínculo recorreu-se ao Teste de Qui-quadrado de independência como descrito em Marôco (2018). Como se vê na tabela 9, verificou-se uma maior frequência de respostas positivas no grupo de alto

vínculo (N=22, 26%) do que no de baixo vínculo (N=1, 1,2%). Esta diferença é significativa (χ^2 (2)=26.174; p=.000; N=86).

Caso as pessoas quisessem sair do bairro, foi questionado se ficariam em São João da Talha. O que os resultados nos mostram que houve uma percentagem igual nas respostas (50% ficavam). Ainda na tabela 9, pode-se verificar que à pergunta “Ficava em São João da Talha?”, verificou-se uma maior frequência de respostas positivas no grupo de alto vínculo (N=31, 36%) do que no de baixo vínculo (N=12, 14%). Esta diferença é significativa (χ^2 (2)=16.791; p=.000; N=86).

		Vínculo Baixo	Vínculo Alto	χ^2	sig
		Freq.	Freq.		
Ficava no bairro se ganhasse o Euromilhões?	Sim	1	22	26.174	.000
	Não	42	21		
Ficava em São João da Talha?	Sim	12	31	16.791	.000
	Não	31	12		

Tabela 10. Resposta à questão “*Comunidade para onde iriam caso saíssem de São João da Talha?*”

Em relação à saída de São João da Talha, foi questionado apenas às pessoas que responderam que não ficariam em São João da Talha, a comunidade para que iam. A resposta mais dada revela que a maioria das pessoas iria para uma comunidade maioritariamente não cigana (23.3%). Sendo que, a segunda resposta mais frequente, revelou que 19.8% iria para uma comunidade mista onde também houvesse ciganos, e apenas 5.8% iriam para uma comunidade totalmente cigana. Revelando novamente a vontade de sair do bairro.

Como se pode ver na tabela 10, as pessoas com vínculo mais baixo, têm uma maior preferência em ficarem numa comunidade apenas cigana (N= 3, 3,5%), do que no grupo de vínculo alto (N=2, 2,3%). Em relação aos indivíduos que responderam que iriam para uma comunidade mista onde também houvesse ciganos, houve também uma maior prevalência nos indivíduos com vínculo baixo (N=12, 14%), em comparação com os do vínculo alto (N=5, 5,8%). Por fim, os indivíduos que responderam que iriam para uma

comunidade maioritariamente cigana, também mostraram uma maior preferência os indivíduos com vínculo baixo ($N=16$, 19%) do que os com vínculo alto ($N=5$, 6%).

Esta diferença não é significativa ($\chi^2 (2)=.558$), $p=.757$, $N=86$.

Para que tipo de bairro ia?	Vínculo Baixo	Vínculo Alto	χ^2	sig
	Freq.	Freq.		
Para comunidade cigana	3	2	.558	.757
Comunidade mista onde	12	5		
também houvesse ciganos				
Comunidade maioritariamente	16	5		
não cigana				

Tabela 11. Resposta à questão “*Levariam ou não alguém da comunidade consigo, se saíssem de São João da Talha?*”

Em relação à saída de São João da Talha, foi questionado apenas às pessoas que responderam que não ficariam em São João da Talha, se levariam alguém daquela comunidade consigo. Os resultados revelam que a grande maioria levaria alguém da comunidade consigo (40.7%).

Como se pode ver na tabela 11, verificou-se uma maior frequência de respostas positivas no grupo de baixo vínculo ($N=26$, 30%) do que no grupo de alto vínculo ($N=9$, 10,5%). Esta diferença não é significativa ($\chi^2 (2)=.459$; $p=.665$; $N=86$).

	Vínculo Baixo	Vínculo Alto	χ^2	sig
	Freq.	Freq.		
Levariam ou não alguém da comunidade consigo, se saíssem de São João da Talha?	Sim	26	.450	.665
	Não	5		

Tabela 12. Resposta à questão “*Para onde iriam se ganhassem o Euromilhões?*”

Em relação ao sítio para onde iriam se ganhassem o Euromilhões, esta resposta era uma resposta aberta e a análise de conteúdo das respostas permitiu verificar (tabela

12) que a maioria respondeu que iria para fora do bairro e de São João da Talha (50%). Sendo que, 26.7% respondeu que ficava no bairro e 23.3% respondeu que ficava em São João da Talha. O que novamente revela a vontade de querer sair do bairro e neste caso também, da cidade onde moram atualmente.

Como se pode ver na tabela 12, verificou-se que os indivíduos que responderam que ficariam no bairro, têm uma maior frequência de respostas positivas no grupo de alto vínculo ($N=22$, 26%) do que no grupo de baixo vínculo ($N=1$, 1,2%). Pelo contrário, os indivíduos que responderam que ficariam em São João da Talha, têm uma maior frequência de respostas positivas no grupo de vínculo baixo ($N=11$, 13%) do que no grupo de vínculo alto ($N=9$, 10%). Os indivíduos que responderam que iriam para fora do bairro e de São João da Talha, têm uma maior frequência de respostas positivas no grupo de vínculo baixo ($N=31$, 36%) do que no grupo de vínculo alto ($N=12$, 14%).

Esta diferença é significativa ($\chi^2 (2)=19.907$; $p=.000$; $N=86$).

	Vínculo Baixo Freq.	Vínculo Alto Freq.	χ^2	sig
Ficava no bairro	1	22	19.907	.000
Ficava em São João da Talha	11	9		
Ficava fora	31	12		

Tabela 13. *Se ganhasse 20 mil euros permanecia no bairro*

Foi questionado a todos os participantes, se ganhassem 20 mil euros, se ficariam no bairro. A maioria respondeu que sim (62.8%). Revelando que, com 20 mil euros ficariam no bairro por não considerar uma grande quantia de dinheiro, mas caso ganhassem o Euromilhões, sairiam do bairro.

Como se pode verificar na tabela 13, verificou-se uma maior frequência de respostas positivas no grupo de alto vínculo ($N=37$, 43%) do que no grupo de baixo vínculo ($N=17$, 20%). Esta diferença é significativa ($\chi^2 (2)=19.907$; $p=.000$; $N=86$).

Vínculo Baixo	Vínculo Alto	χ^2	sig
---------------	--------------	----------	-----

	Freq.	Freq.		
Sim	17	37	19.907	.000
Não	26	6		

7. Discussão

A presente investigação teve como objetivo estudar de que forma uma comunidade cigana que habita em um bairro (Cida-Talha) geograficamente separada do resto da cidade (S. João da Talha), e assim fortemente associado à sua identidade social de ciganos, se vincula ao seu local de residência e de que forma, esse vínculo está associado à sua identidade ao lugar, e às relações intergrupais, ao sentido de comunidade e às perspetivas futuras em contexto de possibilidade de mudança de residência. De forma geral os residentes da comunidade aderiram bastante bem ao questionário. No entanto, existia um preconceito dentro do próprio bairro com a palavra “cigano” e com a conotação negativa que esta palavra poderia ter, assim como um certo medo em responder em relação à questão em que medida se sentiam ciganos, manifestando receio de estarem a ser ouvidos e serem julgados pela comunidade, contudo os inquiridos responderam a esta questão.

De forma genérica, tanto os indivíduos com vínculo alto como vínculo baixo, têm um desejo em sair do bairro, maioritariamente devido ao preconceito e estereótipos do bairro. Existem algumas pessoas que ainda querem ficar, e isso mostra que uma parte da comunidade cigana ainda quer permanecer junta, no entanto, a maioria quer viver uma vida longe de tanta gente, onde possa desfrutar da sua casa apenas com a sua família. O melhor exemplo que melhor ilustra é, eu posso gostar muito dos meus vizinhos, mas não quero que eles estejam sempre no mesmo espaço que eu, também quero ter o meu espaço e espaço longe deles. Posso gostar muito da minha casa, mas se as pessoas à minha volta não me agradam, talvez prefira procurar outra casa onde me sinta melhor.

Aparece também um vínculo baixo associando a sentirem-se menos ciganos. Os indivíduos que têm vínculo mais baixo em relação ao local de residência também têm menos identidade ao bairro também têm menos identidade a São João. E tanto indivíduos com vínculo baixo como alto, apresentam menor desejo de viver num bairro só com ciganos.

As pessoas que têm um vínculo mais baixo ao bairro, também se sentem menos à vontade na comunidade, sentem-se menos em casa na comunidade e não se sentem membros da comunidade.

Verificou-se ainda que o grupo de menor vínculo recorre essencialmente à família, quando têm necessidade de apoio social. No entanto, recorrem menos à família quando precisam de desabafar/conversar e quando precisam de alguma informação.

Parece que estes residentes sentem a pressão da segregação espacial associada a um estereótipo negativo em relação a esta comunidade e viver numa comunidade não exclusivamente cigana poderia contribuir para a redução da percepção do preconceito. O facto de o bairro ter uma conotação negativa, faz com que as pessoas que vivam lá também não se identifiquem com o bairro e queiram viver fora dali. Fora do bairro e fora de São João da Talha, como se pudessem começar uma nova vida se não estivessem associados àquele sítio. Segundo Castro (2013), torna-se muitas vezes obrigatório a criação de estruturas territoriais específicas para acolher as populações, de modo a que estes sejam os únicos locais possíveis de permanência, fazendo com que os indivíduos se vejam obrigados a submeter, o que vai de encontro ao que esta população em São João da Talha sente. Muitos moradores revelaram que o facto de viverem muitos ciganos juntos não é um aspecto positivo para eles, pois os estigmas são associados a todos e como em todo o lado, nem todos se dão bem entre si e não se conseguem evitar porque vivem nos mesmos prédios e usam o mesmo espaço. No entanto, não existiram diferenças significativas na identidade a Portugal. Ou seja, ser português não está associado ao estigma do bairro.

Analisando agora cada uma das hipóteses, verificámos em relação à **hipótese 1**, que os residentes que manifestam um vínculo baixo em relação ao seu local de residência, revelam também mais baixa identidade ao bairro e a São João da Talha. Verificou-se também que apresentar um vínculo baixo ao sítio onde se mora está associado a sentirem-se menos ciganos do que aqueles que apresentam um vínculo maior. Por consequência, sentem-se menos daquele bairro e menos de São João da Talha. Ou seja, quem não está vinculado ao bairro, não se sente cigano e não se sente como daquela freguesia. Não se verificam diferenças significativas na identidade nacional. O que a literatura nos mostra é que o local de vínculo pode ser definido como o vínculo afetivo que as pessoas estabelecem com ambientes específicos, onde têm tendência a permanecer e onde se sentem seguras e confortáveis. Na verdade, as pessoas desenvolvem laços afetivos com

lugares que em parte têm a ver com satisfação, já que permitem o controle e oferecem oportunidades de privacidade, segurança e serenidade (Mannino & Snyder, 2012; Rollero & Piccol, 2010), neste caso, a maioria da população do bairro Cida-Talha, não se sente vinculada ao bairro, e por isso por consequência não sentem segurança nem desenvolvem fortes laços, tanto com a população desse bairro, como com o bairro em si.

No que diz respeito à **hipótese 2**, tanto os sujeitos com vínculo baixo como com um vínculo alto, apresentam menor desejo de viver num bairro só com ciganos, do que um bairro misto ou maioritariamente com não ciganos. Isto revela-se ao nível do que foi relatado aquando da recolha dos questionários, os morados revelaram que muitos ciganos juntos atraem mais problemas e mais estereótipos, e muitos não querem estar associados a isto. O que vai ao encontro à literatura, que segundo Mendes (2004) e Mendes (1998), os comportamentos dos ciganos são vistos como ameaçadores. O que faz com que serem um grupo coeso, não seja algo bem visto pela população de fora. No entanto, apenas alguns ciganos se relacionam com a sua família no bairro e não tanto com a comunidade em si, tal como seria esperado do português dito “normal”. Na cultura cigana, estes estão associados a grandes ajuntamentos e festas e uma ideia de união e famílias grandes, mas alguns ciganos já não se identificam com este conceito e estão a interiorizar-se mais com a forma de viver do ocidental (Acton & Mundy, 1997). No entanto, o facto de ser cigano está intrínseco a ele e não permite que muitas vezes, consiga ser desassociado deste conceito, e não consiga emprego e uma casa arrendada fora dos bairros sociais.

Na **hipótese 3**, verifica-se que quando as pessoas têm um vínculo mais baixo, sentem-se menos à vontade na comunidade, sentem-se menos em casa na comunidade e não se sentem membros da comunidade. Como dito anteriormente, o facto de não se sentirem como parte da comunidade cigana, afeta a forma como veem a comunidade e se querem relacionar com esta, relacionando-se apenas com o seu núcleo familiar. Esta hipótese não vai de encontro à literatura, pois segundo Mannino & Snyder (2012), o sentimento psicológico de comunidade, trata-se de uma conexão com outras pessoas que pode formar a base para um senso mais amplo de comunidade. Segundo a literatura, esperava-se que se sentissem como uma comunidade e neste bairro, isso não acontece. Veem muitas vezes as pessoas que vivem na mesma comunidade como vizinhos e não como uma comunidade em si.

Em relação à **hipótese 4**, a literatura diz-nos que as variáveis idade e tempo de residência espera-se que estejam fortemente correlacionadas com o vínculo ao lugar. No

entanto, neste estudo isso não se verificou. A idade e tempo de residência aparecem correlacionadas entre si, mas não em relação ao vínculo ao lugar (tabela 3). Tanto os mais velhos como os mais novos, tiveram respostas equiparadas, assim como os que vivem há mais tempo no bairro. Não existiram diferenças significativas nestas variáveis, não indo de encontro ao que se esperava através da literatura. Na literatura esperava-se que as pessoas mais velhas tivessem um vínculo maior ao bairro, assim como as pessoas que residem no bairro há mais anos, mas não se verificou. Esperava-se que para além dos fatores demográficos, como a duração de residência, e sociais, como os laços sociais no local de residência, o lugar exerce a sua influência sobre o vínculo ao lugar através de características físicas e significados simbólicos (Mannino & Snyder, 2012; Lewicka, 2008; Stedman, 2003). No entanto, neste caso, como as pessoas deste bairro não se sentem vinculadas de todo, a idade e tempo de residência não influenciam em nada este resultado. Neste caso, a percepção da segregação sobrepõem-se à ligação que as pessoas apresentam em relação ao lugar, e faz com que isso não tenha efeito nas pessoas mais velhas, mesmo que estas pessoas morem neste bairro há mais de 30 anos. Verifica-se que não há uma forte ligação ao lugar e isso pode justificar-se pelo efeito negativo da percepção e da segregação espacial que está associada a estereótipos negativos e não permite que as pessoas se liguem a este bairro como se esperaria.

À pergunta “Se ganhasse o Euromilhões, ficaria no bairro”, a maioria dos inquiridos afirmaram que não ficariam, (73,3%). No entanto, verificou-se uma maior frequência de respostas positivas no grupo de alto vínculo. Se saíssem da comunidade, a maioria levaria alguém consigo, no entanto, aquando da aplicação, foi revelado que levariam sobretudo a sua família mais próxima. O que mostra que a ideia de comunidade cigana como a víamos antigamente, está a deixar de existir, no entanto, as câmaras não veem esta evolução da comunidade e continuam a juntar todos os indivíduos em comunidade. A freguesia em si, tem coisas boas para estas pessoas e gostam do que os rodeia, no entanto, as respostas positivas revelaram-se com maior frequência no grupo de alto vínculo. A maioria das pessoas revelaram que iriam para uma comunidade maioritariamente não cigana, o que revela a insatisfação em viver numa comunidade só cigana. A partir das respostas dos questionários e os testemunhos dados, os indivíduos parecem estar descontentes, mostrando interesse em estar com a sua família mais próxima numa moradia/prédio junto com outras pessoas fora da comunidade cigana. De acordo com a literatura a manifestação de recusa por parte dos ciganos em irem “para uma

habitação social” parece estar mais associada aos modelos habitacionais que têm sido privilegiados pelas políticas públicas de habitação, ou seja, bairro sociais, e para os quais os ciganos tendem a antecipar os resultados menos positivos que daqui advém (Castro, 2013). Numa sociedade marcada pelas desigualdades sociais, a organização do espaço urbano pode contribuir ou em contrapartida para evitar a segregação espacial (Andrade & Mota, 2017; Colombo, 2006). E por este motivo, morar num bairro social nos dias de hoje, significa muito mais do que apenas ser segregado, significa ter oportunidades desiguais ao nível económico, social, cultural e educacional (Negri, 2010; Quadros, 2018), que é sentido pela comunidade cigana de São João da Talha.

Caso saíssem de São João da Talha, as respostas revelaram cidades como Lisboa ou Porto-Alto, mas a maioria iria para sítios paradisíacos como o Dubai. Algumas pessoas confidenciaram ainda que iriam para onde vive a sua família de origem, pois algumas pessoas mudaram-se para o bairro Cida-Talha, depois de casarem. O que ao contrário do que a literatura nos revela, os laços sociais estão associados à sensação de estar em casa no bairro, ou seja, quanto mais se intensificam as relações locais, maior é a proporção de pessoas que se sentem totalmente em casa (Rollero & Piccol, 2010; Lewicka, 2005; Insch & Florek, 2008). No entanto, neste caso, os residentes não se sentem vinculados ao bairro, e apenas permanecem ali por não terem posses monetárias para irem para outro lugar.

Ao nível da segregação espacial, a literatura revela que as pessoas passam o seu tempo do dia-a-dia em vários locais, como em locais públicos, que à primeira vista podem parecer oferecer a oportunidade de entrar em contacto com diferentes grupos sociais (Bettencourt *et al*, 2019), no entanto, este grupo de pessoas apenas passa o seu dia-a-dia no seu bairro, estando bastante isolados das pessoas ao seu redor, o que dificulta a interação entre outros grupos sociais fora do bairro, prejudicando por consequência, a imagem que as pessoas de fora têm desta população, por parecer tão unida. A segregação neste caso ajuda a manter as desigualdades sociais, assim como as oportunidades de emprego, habitação, saúde e emprego. Interagir apenas com a população cigana que ali vive no bairro, irá requerer menos energia a conhecer pessoas novas que provavelmente não se irão identificar.

Devido à segregação social e estereótipos em relação à comunidade cigana, estas pessoas não podem escolher as suas oportunidades de vida, pois não possuem ferramentas capazes de contornar esta realidade (Da Silva *et al*, 2016).

De encontro com a literatura, o processo de urbanização neste caso, contribui para formas de exclusão. Existe uma forte evidência em separar a população cigana do resto da população, colocando-a do outro lado da estrada, não permitindo que o contacto com a população não cigana seja tão direta, acabando por a população do bairro Cida-Talha ficar com uma imagem de que estão a ocupar ou a invadir áreas urbanas (Andrade & Mota, 2017; Colombo, 2006). Esta população apresenta condições mínimas de melhorar socialmente ou economicamente, pois apresentam-se separados do resto da freguesia e com estereótipos muito enraizados. A construção deste bairro criou uma forte disparidade em relação ao resto dos prédios, tendo criado não só a segregação espacial como a segregação étnica (Negri, 2010; Quadros, 2018).

Verificou-se ainda que os indivíduos deste bairro vivem em família e não em comunidade como se esperava, ou seja, existe uma necessidade normal de se ligarem aos grupos e aos espaços, mas neste bairro, devido à segregação que sentem, não se ligam ao grupo, mas sim à sua família. Assim como este fenómeno pode ser explicado também através do estereótipo negativo da comunidade cigana estar toda junta num único bairro, o que cria subgrupos dentro dos grupos pela percepção da malicidade que é associada a vários ciganos juntos. Se se separarem em pequenos grupos, cria a percepção de que não estão todos ligados, não estando associados, desta forma, uns aos outros quando existe algum acontecimento menos bom no bairro (em que não querem estar envolvidos quem não está associado a este assunto).

Como em todos os estudos, existem limitações e este não será exceção. A principal limitação que se destaca é o facto de os ciganos viverem isolados no bairro de Cida-Talha e as pessoas à volta terem uma percepção negativa deles, fez com que gerasse um clima de desconfiança no meu papel naquela comunidade. Mesmo explicando qual era o meu plano e papel ali, ou seja, recolher dados para a minha dissertação, não foi entendida por todos. Por este motivo, não foi bem recebido por todos. Alguns membros da população pensaram ainda que eu era assistente social, pelo que tive de desconstruir este preconceito com a maioria dos inquiridos cada vez que os abordava para responderem ao questionário. No entanto, quase toda a população respondeu prontamente às questões feitas. Outra limitação que se verificou foi ao nível da amostra, pois o bairro Cida-Talha é constituído por crianças muito pequenas e jovens entre os 10 e os 13 anos, o que diminuiu muito o número de sujeitos que poderiam responder ao questionário. Assim como o número baixo de sujeitos com menos de 18 anos. Existiram também poucas pessoas na faixa etária dos

60 anos neste bairro, e não existem pessoas com mais de 65 anos neste bairro. Em investigações futuras, poderia ser um ponto interessante de estudar, a média de vida da população cigana, ou a migração para outros lugares a partir de uma certa idade.

Ainda no que concerne às limitações, o facto de realizar os questionários sozinha, não me permitiu entrar em muitas casas para preservar a minha segurança e a privacidade dos moradores, mantendo-me apenas no espaço comum onde estes moradores se encontravam. O que faz com que as pessoas que não saíssem de casa para estar naquele espaço comum, não responderiam ao questionário, afetando uma vez mais a amostra.

O COVID-19 também mostrou ser uma limitação, por ter de estar sempre de máscara, e de certa forma, não estar tão próxima dos moradores, tanto fisicamente como através da minha expressão facial, que aproxima as pessoas.

O facto de os moradores de cultura cigana não quererem ser eles a responder ao questionário, e pedirem para se ler e preencher, atrasou também o tempo de recolha de dados, pois demorava mais a ler e a esperar a resposta deles do que serem eles próprios a responder. Tendo-se de fazer um a um, não podendo distribuir a dois ou três que ao mesmo tempo. E também se esteve de estar a fazer um a um de cada vez para que não menosprezassem o questionário e não respondessem de forma inconsciente/banal. Também se esteve de estar constantemente a explicar cada questão ao longo do preenchimento do questionário.

Em termos estatísticos, encontrou-se limitações na análise da consistência interna dos instrumentos, pois obteve-se um alpha muito baixo na escala relativa à comunidade, mesmo retirando-se 2 itens, continuou baixo, no entanto, menos baixo do que anteriormente. Como o valor era muito baixo, analisámos item a item.

Ao nível da literatura, existe pouca literatura acerca do estudo da dissertação, especialmente literatura mais recente, o que se mostrou numa limitação para a realização da mesma. Assim como existem poucos estudos com populações ciganas, especialmente ao nível do contexto da Psicologia.

Relativamente a investigações futuras, sugere-se a realização de mais pesquisas empíricas que incluem algumas das variáveis deste estudo, como a identidade e vínculo ao lugar e as relações intergrupais, especialmente em minorias e populações que vivam em bairros sociais. Sugere-se que sejam realizados estudos com amostras mais extensas

com grupos etários mais velhos neste tipo de população para perceber o fenómeno de existirem poucos moradores mais velhos, ou realizar estudos com uma amostra mais homogénea, pois deste modo, os resultados podiam ter mais validade estatística. Uma outra sugestão consiste em que estudos futuros com populações ciganas incluam a participação das Câmaras e Juntas de Freguesia, para perceber o porquê de juntarem todos os moradores juntos, e perceber se é essa a vontade destes moradores ou se poderiam existir alternativas mais convenientes para ambas as partes. Por último, poderia ser interessante também que se realizasse um estudo para perceber o porquê de a população cigana, especificamente neste caso, do bairro Cida-Talha, estar descontente com o facto de viverem todos juntos, mas não alterarem esse facto, perceber que alternativas e recursos podem ter para alterar esta situação.

Em termos de implicações, os meus resultados mostram que se deve ter em consideração o planeamento urbano futuro, tais como, evitar criar bairros exclusivamente de uma etnia, neste caso, de etnia cigana, pois contribui para uma menor integração desta população, mais segregação e exclusão por parte da população não cigana. É necessário também ter em conta o desejo destas populações, que muitas vezes querem-se sentir integrados com o resto da população e são excluídos desta, pois são colocados com o resto da população cigana num único sítio.

Deve-se também explorar em estudos futuros, a forma como a própria comunidade cigana perceciona os estereótipos em relação a eles através de estudos qualitativos para perceber se gostariam de viver mais integrados na comunidade da freguesia em que vivem.

8. Conclusão

Apesar das comunidades ciganas terem o estereótipo de quererem ficar juntas como a tradição dos Romani antigamente, os tempos avançaram e a cultura cigana tornou-se mais “moderna” e mais próxima da pessoa ocidental (Acton & Mundy, 1997).

A vontade destas pessoas, hoje em dia, é tal como nós, viverem com a sua família mais próxima, separados do resto da comunidade cigana. (Especialmente pelo estereótipo negativo, em que “por um pagam todos” - não querendo estar associados a isto) (Mendes, 1998).

E mesmo as pessoas com um vínculo mais forte ao bairro, também querem sair deste, o que mostra que mesmo que eu goste muito de onde vivo, se as pessoas que lá moram tornam o ambiente negativo, eu prefiro abdicar desse bairro. No entanto, não têm condições para sair, devido ao fraco apoio de rendimentos e falta de oportunidades profissionais devido aos estereótipos da etnia.

A segregação espacial é uma forma de segregação com impacto nas populações visadas e deveria evitar-se, pelo que deve-se perceber de que forma as Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia lidam com o realojamento destas populações. De que forma elas apuram o facto de juntar várias pessoas da mesma etnia no mesmo bairro. Perguntam-lhes se aceitam? Dão-lhes outra opção? Perguntam se têm uma solução melhor? Dão-lhes outras oportunidades?

Deve-se tentar explorar com a Câmara se não seria melhor para a população em geral, neste caso, de São João da Talha, se os residentes do bairro Cida-Talha, estivessem separados por vários pontos da freguesia em vez de num bairro todos juntos. Ou até arranjar-lhes outros lugares no concelho de Loures, e não estarem todos em São João da Talha, visto que é do desagrado de muitos residentes do bairro, manterem-se todos juntos.

9. Referências Bibliográficas

Acton, T., & Mundy, G. (1997). Romani culture and Gypsy identity. University of Hertfordshire Press.

Araújo, M. (2019). À procura do “sujeito racista”: a segregação da população cigana como caso paradigmático. *Cadernos do Lepaarq*, 16(31), 147-162.

Azevedo, A. (2013). Etnias de Portugal: o caso dos ciganos. *E-Revista de Estudos Interculturais*, (1).

Bernardo, F., & Palma-Oliveira, J. (2016). Urban neighbourhoods and intergroup relations: The importance of place identity. *Journal of Environmental Psychology*, 45, 239-251.

Bettencourt, L., Dixon, J., & Castro, P. (2019). Understanding how and why spatial segregation endures: A systematic review of recent research on intergroup relations at a micro-ecological scale. *Social Psychological Bulletin*, 14(2).

Bonam, C., Taylor, V., & Yantis, C. (2017). Racialized physical space as cultural product. *Social and Personality Psychology Compass*, 11, 1–12. doi:10.1111/spc3.12340

Bonam, C., Yantis, C., & Taylor, V. (2020). Invisible middle-class Black space: Asymmetrical person and space stereotyping at the race–class nexus. *Group Processes & Intergroup Relations*, 23(1), 24-47.

Buttel, F. H., Martinson, O. B., & Wilkening, E. A. (1979). Size of place and community attachment: A reconsideration. *Social Indicators Research*, 6(4), 475-485.

Castro, A., & Correia, A. (2008). Ciganos e precariedade habitacional: uma aproximação à realidade em Portugal. *Actas do Seminário Internacional Ciganos, Territórios e Habitat ISCTE, 8 e 9 de abril de 2008*, 31-45.

Castro, A. (2013). Na luta pelos bons lugares: ciganos, visibilidade social e controvérsias espaciais.

Colombo, C. (2006). Segregação sócio-espacial. *SEMOC-Semana de Mobilização Científica-Segregação sócio-espacial: a casa como um direito negado*.

Coutinho, C. (2014). Perturbadores da ordem: os ciganos no projeto civilizador da República. *XVI Encontro Regional de História*.

Da Silva, M., de Sousa Junior, A., de Freitas Lima, D., & Carvalho, C. (2016). Segregação socioespacial: os impactos das desigualdades sociais frente a formação e ocupação do espaço urbano. *Revista Monografias Ambientais*, 15(1), 256-263.

Dias, E., Alves, I., Valente, N., & Aires, S. (2006). *Comunidades ciganas: representações e dinâmicas de exclusão-integração*. ACIDI, IP.

Di Masso, A. (2012). Grounding citizenship: Toward a political psychology of public space. *Political Psychology*, 33(1), 123-143.

Felippe, M., & Kuhnen, A. (2012). O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(4), 609-617.

Fernandes, P. (2018). *Rostos que integram a sociedade: comunidade cigana e serviço social* (Doctoral dissertation).

Gatti, F., & Procentese, F. (2021). Experiencing urban spaces and social meanings through social Media: Unravelling the relationships between Instagram city-related use, Sense of Place, and Sense of Community. *Journal of Environmental Psychology*, 78, 101691.

Giuliani, M., Tassara, E., Rabinovich, E., & Guedes, M. (2004). O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. *Psicologia e ambiente*, 1, 89-106.

Gonçalves, R. (2018). *Projeto de realojamento e integração social da comunidade cigana da Orada* (Doctoral dissertation).

Hidalgo, M., & Hernandez, B. (2001). Place attachment: Conceptual and empirical questions. *Journal of environmental psychology*, 21(3), 273-281.

Hernández, B., Hidalgo, M., Salazar-Laplace, M., & Hess, S. (2007). Place attachment and place identity in natives and non-natives. *Journal of environmental psychology*, 27(4), 310-319.

Hernandez, B., Martin, A., Ruiz, C., & Hidalgo, M. (2010). The role of

place identity and place attachment in breaking environmental protection laws. *Journal of Environmental Psychology*, 30(3), 281-288.

Insch, A., & Florek, M. (2008). A great place to live, work and play: Conceptualising place satisfaction in the case of a city's residents. *Journal of place management and development*.

Jorgensen, B., & Stedman, R. (2006). A comparative analysis of predictors of sense of place dimensions: Attachment to, dependence on, and identification with lakeshore properties. *Journal of environmental management*, 79(3), 316-327.

Junior, J., & da Mota, J. (2017). ST 6 SEGREGAÇÃO SOCIAL E RACIAL: Reflexões e discussões sobre o espaço urbano brasileiro e de Macapá-AP. *Anais ENANPUR*, 17(1).

Júnior, L. (2013). Os ciganos e os processos de exclusão. *Revista Brasileira de História*, 33, 95-112.

Kyle, G., & Chick, G. (2007). The social construction of a sense of place. *Leisure sciences*, 29(3), 209-225.

Lewicka, M. (2005). Ways to make people active: The role of place attachment, cultural capital, and neighborhood ties. *Journal of environmental psychology*, 25(4), 381-395.

Lewicka, M. (2008). Place attachment, place identity, and place memory: Restoring the

forgotten city past. *Journal of environmental psychology*, 28(3), 209-231.

Lewicka, M. (2010). What makes neighborhood different from home and city? Effects of place scale on place attachment. *Journal of environmental psychology*, 30(1), 35-51.

Lewicka, M. (2011). On the varieties of people's relationships with places: Hummon's typology revisited. *Environment and Behavior*, 43(5), 676-709.

Low, S., & Altman, I. (1992). Place attachment: A conceptual inquiry. In I. Altman, & S. M. Low (Eds.), *Place attachment* (pp. 1–12). New York and London: Plenum Press.

Magano, O., & Silva, L. (2000). A integração/exclusão social de uma comunidade cigana residente no Porto. In *IV Congresso Português de Sociologia. Associação Portuguesa de Sociologia. Coimbra, Portugal*.

Mannarini, T., Tartaglia, S., Fedi, A., & Greganti, K. (2006). Image of neighborhood, self-image and sense of community. *Journal of environmental psychology*, 26(3), 202-214.

Mannino, C., & Snyder, M. (2012). Psychological sense of community: Contributions toward a new understanding. *Global Journal of Community Psychology Practice*, 3(4), 393-397.

Marôco, J. (2018). Análise Estatística com o SPSS Statistics: 7^a edição. Pêro Pinheiro:

Report Number.

Marques, J. (2013). O racismo contra as coletividades ciganas em Portugal. Sequelas de uma modernização inacabada. *Ciganos Portugueses. Olhares plurais e novos desafios numa sociedade em transição*, 111-121.

Mendes, M. (1998). Etnicidade cigana, exclusão social e racismos. *Sociologia*, (VIII), 207-246.

Mendes, L. (2004). A educação geográfica na senda da desconstrução de estereótipos sobre a comunidade cigana. In *Actas do V Congresso de Geografia Portuguesa, Portugal: Territórios e Protagonistas. Guimarães* (pp. 14-16).

Moscovici, S. (2009). Os ciganos entre perseguição e emancipação. *Sociedade e Estado*, 24, 653-678.

Negri, S. (2010). Segregação sócio-espacial: alguns conceitos e análises. *Coletâneas do nosso tempo*, 8(08).

Oleksy, T., & Wnuk, A. (2017). Catch them all and increase your place attachment! The role of location-based augmented reality games in changing people-place relations. *Computers in Human Behavior*, 76, 3-8.

Palma-Oliveira, J., & Hernandez, B. (2011). Novas perspectivas da identidade de lugar.

Provot, B. (1998). Stationner, résider, habiter: plaidoyer pour le temps. *Etudes*

tsiganes, 11, 12-29.

Qazimi, S. (2014). Sense of place and place identity. *European Journal of Social Science Education and Research, 1*(1), 306-310.

Quadros, B. (2018, July). Como criamos nossos próprios monstros: uma analogia entre “Frankenstein” e a segregação social baseada em aparências. In *I Congresso Nacional de Biopolítica e Direitos Humanos*.

Rollero, C., & De Piccoli, N. (2010). Place attachment, identification and environment perception: An empirical study. *Journal of environmental psychology, 30*(2), 198-205.

Scannell, L., & Gifford, R. (2010). The relations between natural and civic place attachment and pro-environmental behavior. *Journal of environmental psychology, 30*(3), 289-297.

Stedman, R. (2003). Is it really just a social construction? The contribution of the physical environment to sense of place. *Society and Natural Resources, 16*, 671–685.

Tavakol, M., & Dennick, R. (2011). Making sense of Cronbach's alpha. *International Journal of Medical Education, 2*, 53-55.

Ujang, N. (2012). Place attachment and continuity of urban place identity. *Procedia-Social and Behavioral Sciences, 49*, 156-167.

Vieira, M. (2009). *A Escola e a Mudança das Dinâmicas de Organização Cultural: O caso de uma comunidade cigana* (Doctoral dissertation, FCT-UNL).

Wnuk, A., & Oleksy, T. (2021). Too attached to let others in? The role of different types of place attachment in predicting intergroup attitudes in a conflict setting. *Journal of Environmental Psychology*, 75, 101615.

Wnuk, A., Oleksy, T., Toruńczyk-Ruiz, S., & Lewicka, M. (2021). The way we perceive a place implies who can live there: Essentialisation of place and attitudes towards diversity. *Journal of Environmental Psychology*, 75, 101600.

Zhang, Z., & Zhang, J. (2017). Perceived residential environment of neighborhood and subjective well-being among the elderly in China: A mediating role of sense of community. *Journal of Environmental Psychology*, 51, 82-94.

<https://www.publico.pt/2006/02/25/jornal/moradores-de-sao-joao-da-talha-queixamse-da-criminalidade-65439>

<https://tvi24.iol.pt/sociedade/ciganos/cada-um-no-seu-lado-e-sem-misturas>

<https://tvi24.iol.pt/sociedade/ciganos/loures-familias-ciganas-realojadas-perto-da-antiga-habitacao>

<https://www.cmjornal.pt/politica/detalhe/vida-de-gueto-brando-em-sao-joao-da-talha>

<https://www.cm-loures.pt/Conteudo.aspx?Displayid=360>

Anexos

Anexo A. Termo de Consentimento Informado



Consentimento Informado

O presente questionário, insere-se na dissertação de mestrado de Psicologia Clínica da Universidade de Évora, sob a orientação da professora doutora Fátima Bernardo. O objetivo deste trabalho é compreender o modo como a população do bairro de São João da Talha, se encontra envolvida com o lugar e a comunidade onde vive e como isso contribui para a sua qualidade de vida. Posto isto, pedimos a sua colaboração para responder a um questionário com uma duração de 10 minutos.

É garantida a confidencialidade e o uso exclusivo dos dados recolhidos para o presente estudo.

A sua colaboração será completamente voluntária pelo que lhe é permitido não aceitar participar ou interromper a qualquer momento. A participação nesta investigação não é remunerada.

Declaro que aceito participar neste estudo e permito que os dados que forneço de forma voluntária sejam utilizados para a investigação referida.

Évora, _____ de _____ de 2022

(Rubrica do Participante)

A aluna,

Joana Gonçalves

Anexo B. Questionário



O presente questionário, insere-se na dissertação de mestrado de Psicologia Clínica da Universidade de Évora, sob a orientação da professora doutora Fátima Bernardo. O objetivo deste trabalho é compreender o modo como a população do bairro de São João da Talha, se encontra envolvida com o lugar e a comunidade onde vive e como isso contribui para a sua qualidade de vida.

Este estudo não será possível sem a sua colaboração. Não existem respostas certas ou erradas e os dados recolhidos são confidenciais.

Obrigado pela sua colaboração.

Joana Gonçalves

Em que medida **concorda** com as seguintes afirmações?

(**1** significa “**discordo totalmente**” e **5** significa “**concordo totalmente**”)

Eu tenho saudades deste lugar quando não estou aqui	1	2	3	4	5
Eu aqui sinto-me um estranho	1	2	3	4	5
Eu aqui sinto-me seguro	1	2	3	4	5
Eu tenho orgulho em viver neste lugar	1	2	3	4	5
Este lugar faz parte de mim	1	2	3	4	5
Eu gostaria de sair deste lugar	1	2	3	4	5
Eu quero estar envolvido nos assuntos deste bairro	1	2	3	4	5
Eu tenho raízes aqui	1	2	3	4	5
Eu gostaria que a minha família e amigos vivessem aqui no futuro	1	2	3	4	5

Em que medida **gostaria de viver** num bairro em que:

(**1** significa “**discordo totalmente**” e **5** significa “**concordo totalmente**”)

Só tivesse moradores de cultura cigana	1	2	3	4	5
Tivesse moradores de cultura cigana e residentes de cultura não cigana	1	2	3	4	5
A população fosse na sua grande maioria população de cultura não cigana	1	2	3	4	5

Quando pensa em si próprio em que medida pode dizer que se sente:

(1 significa “nada” e 5 significa “muito”)

Cigano	1	2	3	4	5
Deste bairro	1	2	3	4	5

Em que medida concorda com as seguintes afirmações?

(1 significa “discordo totalmente” e 5 significa “concordo totalmente”)

Identifico-me com este bairro	1	2	3	4	5
Este bairro faz parte da minha identidade	1	2	3	4	5
Eu sinto que pertenço a este bairro	1	2	3	4	5
Eu sinto-me como seja deste bairro	1	2	3	4	5
Identifico-me com São João da Talha	1	2	3	4	5
São João da Talha faz parte a minha identidade	1	2	3	4	5
Eu sinto que pertenço São João da Talha	1	2	3	4	5
Eu sinto-me como seja de São João da Talha	1	2	3	4	5
Identifico-me com este país	1	2	3	4	5
Este país faz parte da minha identidade	1	2	3	4	5
Eu sinto que pertenço a este país	1	2	3	4	5
Eu sinto-me como seja deste país	1	2	3	4	5

Em que medida concorda com as seguintes afirmações?

(1 significa “discordo totalmente” e 5 significa “concordo totalmente”)

Sinto-me à vontade para andar por aqui e visitar a maioria das pessoas deste bairro	1	2	3	4	5
Conheço bastante bem as pessoas que vivem aqui	1	2	3	4	5
Sinto-me em casa em quase todos os lugares desta comunidade	1	2	3	4	5
Na maioria das vezes, não me sinto realmente um membro desta comunidade	1	2	3	4	5

Escolha **a ou as** opções que mais se identifica para cada afirmação:

1- Família

2- Vizinho da comunidade cigana

3- Vizinho não cigano

4- Amigo em comum

5- Amigo da comunidade cigana

6- Amigo não cigano

Quando tem um problema de saúde, a quem recorre geralmente?	1	2	3	4	5	6
Quando precisa de conversar sobre a vida/desabafar a quem recorre?	1	2	3	4	5	6
Se precisasse de apoio financeiro a quem recorreria?	1	2	3	4	5	6
Quando precisa de informação sobre qualquer assunto a quem recorre?	1	2	3	4	5	6

Quando pensa em **si próprio** em que medida pode dizer que **se sente**:

Em que medida

(1 significa “**nada**” e 5 significa “**muito**”)

Português	1	2	3	4	5
De São João da Talha	1	2	3	4	5

Coloque um (**x**) nas afirmações com que **mais se identifica**:

Se **ganhasse o Euromilhões**, o que fazia/para onde iria morar?

Ficaria aqui no bairro	Sim	Não
Ficaria aqui em São João da Talha	Sim	Não
Ia para outro lugar	Onde?	
Para que tipo de bairro gostava de ir?		
Para uma comunidade cigana		
Para uma comunidade mista onde também houvesse ciganos		
Comunidade não cigana maioritariamente		
Outro		
Gostaria de que outras pessoas desta comunidade também fossem comigo	Sim	Não

Coloque um (x) na afirmação com que **mais se identifica**:

Se **não ganhasse** o Euromilhões, **mas ganhasse um dinheiro extra** (25 mil euros, por exemplo), para onde iria?

Ficaria aqui no bairro

Ia para outro lugar

Onde?

Perguntas de caracterização:

Idade: _____

Sexo: Feminino Masculino

Estado civil: _____

Escolaridade: _____

Há quantos anos vive aqui? _____

Anexo C. Entrevista realizada a um membro da comunidade

1- Gostaria que me falasse sobre este bairro, como é que ele nasceu, de onde é que vieram antes, se já nasceram todos aqui?

“Isto é assim, a maioria de nós, os meus filhos por exemplo, muitos já cá nasceram no bairro, quer dizer em São João da Talha. Não nos prédios. Estábamos a viver numas barracas e então, o presidente da Câmara de Loures decidiu dar-nos estes prédios, este bairro novo. E então, quando viemos para aqui, já trazíamos filhos. Os mais novos já nasceram cá. Agora, há pessoas que não moravam cá”.

- Vieram de onde?

“Vieram do Egito, outros vieram da Espanha, assim de muito longe e vieram aqui parar. Uns já são de cá desde as barracas, depois deitaram as barracas abaixo”.

- As barracas eram aqui?

“Não, não. Eram lá em cima no outro bairro. Há 30 anos”.

2- E agora moram mais ou menos quantas pessoas aqui?

“Ui, mora muita pessoa aqui agora. Agora mora muita pessoa, nem lhe sei dizer a quantia. Mas muita pessoa mesmo. Há 30 anos para cá, imagine o que já nasceu e o que se está a criar.”

- Todos os que estavam nas barracas, vieram para aqui, ou não?

“Sim, sim, todos”. Havia um bairro também lá em baixo, de barracas. Atrás da escola. Esse bairro também veio para aqui.

3- Que tipo de serviços existem aqui à volta? Qual é o comércio que usam, qual o jardim que vão?

Silêncio (e ar confuso).

- Qual é o supermercado que costumam ir por exemplo?

“Mais mais é ao pingo doce”

- E ao médico, por exemplo?

“Vamos ao centro de saúde à nossa médica de família. Temos um centro de saúde ali, aquele edifício grande que se vê daqui. Temos a nossa médica de família e é lá que vamos fazer as nossas consultas e os nossos exames e essas coisas lá.”

4- Qual é a média de idades de pessoas que moram aqui? Há mais novos, há mais velhos?

“Há mais novos que velhos. Muito mais jovens. Porque há 30 anos para cá, muitos jovens nasceram cá e já estão feitos homens e casados.”

5- Acham que são uma comunidade unida, as pessoas dão-se todas umas com as outras aqui?

“Quer dizer, há uns que se demos e outros que não se demos. Há muita malta que não se demos uns com os outros. Não são lá assim muito bons. Por isso é que nós queríamos dividir o bairro, dividir as pessoas. Por exemplo, saírem 4/5 casais para um lado. Mais 4/5 para outro lado. Isso nós gostávamos que isso ficasse separado e não tudo junto. Porque nós todos juntos é um problema muito grande. Porque é assim, há um que faz um mal e nós paguemos todos uns pelos outros. Agora há aqui um rapaz, que ainda ontem, roubou aí gasóleo. Já estão a pôr a etnia cigana toda a culpar a nós. Sem nós fazermos mal a ninguém. Há uns que fazem mal, mas há outros que não fazem. Por exemplo, os presidentes, os políticos, autoridade, metem-nos todos pela mesma medida. Há um cigano que faz um mal e pagamos todos uns pelos outros. O mal é isso. Então por isso eu queria que este bairro ficasse dividido por muitos bairros.”

6- Quais são as atividades que costumam fazer todos juntos? Como é que festejam por exemplo, o Natal?

“É só família. É irmãos, é filhos, é pais, é só assim.”

- Não é todos juntos?

“Não, não”.

(Uma pessoa jovem que está perto fala – “Hoje em dia quem é família é os filhos, pai e mãe, e acabou”)

“Por exemplo, eu não lido com cigano nenhum aqui. É muito raro. Porquê? Porque eu sei o que eles são. Se fazem mal, eu também vou ter de pagar e nós também chega a um ponto que nos desviemos uns dos outros.”

7- Qual é o momento mais importante que já viveu aqui na comunidade?

(A pessoa mais jovem que está por perto é que fala - “Para a etnia cigana, quem fica para a história e quem é o mais respeitado aqui, é sempre os mais velhos. Ou seja, é o pai deste senhor, que é o mais velho aqui do bairro, é o mais respeitado. Qualquer coisa, uma opinião a ele e se for preciso ele resolve problemas. Infelizmente também houve muita pessoa que já faleceu, e pronto, é sempre os mais velhos que vão à frente”).

O mais velho acena que sim com o que está a ser dito.

8- O que é que faz sentir-se em casa aqui?

“Olhe, é assim, eu gostava de viver o resto da vida na minha casa, eu gosto da minha casa (a mulher dele intervém por trás a dizer que existe muito preconceito). Sinto-me confortável na casa que me deram, sinto-me muito confortável. Só que não dá para viver o resto da vida aqui, por causa das queixas que há da etnia cigana. Dos novos, muita coisa, fazem mal, e nós paguemos todos uns pelos outros.”

- Então não quer viver aqui para sempre?

“Não, agora não quero viver aqui o resto da vida, não quero”

(O jovem diz – “é muita pessoa junta”)

“Os meus filhos trabalham. Em estafetas. Mas se houver aqui um problema, os meus filhos que trabalham, vão pagar igual e eles não querem saber. E nem acredito que nós trabalhemos. Mas nós trabalhemos. Eles não acreditam que um cigano trabalha. Eu tenho os meus dois filhos a trabalhar. Este rapaz também está a trabalhar. Muitos daqui estão a

trabalhar, ali de guarda da escola lá em cima, no Estacial. Muitos ciganos também trabalham. Mas o pessoal não cigano não acredito que o cigano também trabalha.”

(O jovem – “há muitas pessoas não ciganas que têm de perceber que o cigano já acabou. O cigano já era há muitos anos atrás que tinham leis”

“Há 50 anos atrás”

(O jovem – “Hoje em dia não. Hoje é dia é tudo igual. Nós também somos seres humanos, certo? O cigano acabou. Você é igual a mim. Você trabalha, eu também trabalho. Nós temos de sustentar a nossa família. É assim, hoje em dia não há ciganos, é tudo igual. O cigano já era há muito tempo atrás. Agora já estamos muito mais avançados”)

“Os meus filhos hoje já estudam. É muito diferente hoje o cigano”.

9- Costumam estar mais dentro de casa ou aqui na rua?

“Olhe, eu é casa, mais em casa e é um bocadinho aqui (fora), uma hora ou duas”

(O jovem – “É acabar de almoçar e um cafezinho e tal”).

10- Como é que distribuem as horas do dia? O que é que costumam fazer normalmente no dia-a-dia?

“Então nós trabalhamos, vamos trabalhar de manhã. Os meus filhos agora também já foram trabalhar. Este rapaz agora à tarde também vai trabalhar. Eu também vou. Andamos nisso do estafeta. Vimos almoçar a casa porque não há dinheiro para almoçar fora. Depois de almoço, às 3 horas, abalemos. Vimos às 11, 11h30 da tarde. É o nosso andamento é esse.”

(Jovem – “olhe e uma coisa, muito cigano também não trabalha porque a pessoa que não é cigana, não dão trabalho. Podemos ter os estudos todos, 12º ano, podemos ter os estudos todos.”)

“Mas como são ciganos mandam-nos embora”

(Jovem – “Não dá. Inventam alguma história. É esse o preconceito que a gente sofre sempre”)

11- Quem é que são os seus amigos? Tem amigos fora da comunidade...?

“Sim, sim muitos. E tenho amigos não ciganos. Tenho muitos amigos. Muito amigos não ciganos e amigos ciganos fora daqui também.”

12- As crianças que vivem aqui, andam nestas escolas?

“Anda tudo, todos. Andam nas duas. É uma aqui, uma outra ali e outra no Estacal. Depois da do Estacal, os meus filhos já vieram para aqui. Há uma ao pé do posto médico. Há outra aqui em cima, esta aqui e a do estacal. Quando saírem do estacal, veem para aqui. Os meus filhos vieram para aqui. Já estudaram. E agora andam a trabalhar.”

13- Gostava de ter um quintal só para si e para a sua família ou um jardim onde pudessem estar todos?

“Não, não, não, não, não. Gostava de ter uma casa com um quintal só para mim, para os meus filhos e para a minha senhora, para a minha mulher. Não queria viver com mais ninguém.”

14- Se lhe saísse o Euromilhões, para onde é que gostava de ir morar?

“Eu, Peniche”.

- Porquê Peniche?

“Porque estive lá a morar uns anos. E eu gostei muito”.

- Gosta de estar ao pé do mar

“Sim. E é uma zona que nós nos governamo-nos bem. Eu quando lá estava, governa-me bem. Andava pelos mercados, fazia as praias. Vivia nas praias e era uma zona muito boa para nós ganharmos dinheiro. Era sim senhora.”

- E o que é que o fez vir para São João?

“Olhe, foi a casa. Foi esta casa. Para apanhar esta casa. E repenso (arrependido) estou eu. Repenso estou eu. Digo-lhe mesmo”.

- Gostava de ter ficado em Peniche?

“Gostava, gostava. Era sim senhora. Gostava até de lá ficar. Se não fosse por causa desta casa, eu estava em Peniche para o resto da minha vida. E espero bem ainda lá ir esbarrar.”

- Seria possível darmos uma volta para eu ver o bairro?

“Por mim pode”.

Enquanto demos a volta pelo bairro:

- Queixa-se que estragam tudo

- Que há lixo por todo o lado. Que começaram a fazer barracas na parte de trás do bairro

- Perguntei se não seria bom ter um jardim como sítio comum para todos. Ele disse que não. Que dantes tinham árvores no meio dos prédios, tinham um pequeno jardim à frente dos prédios, mas que destruíram tudo passado dois dias.

- Disse também que antes as portas da casa dele eram para o meio do espaço (onde há um corredor entre os prédios), mas que como havia muita confusão, e não queriam estar envolvidos nisso, abriram portas do lado contrário (onde costumamos estar) e fecharam as do outro lado.

- Houve um homem que já não está ali que entrou na casa de uma rapariga para roubar fraldas para vender. E eu perguntei se não tinham fechaduras nas portas. E ele disse-me que têm cadeados, mas que as pessoas os cortam.

- A rapariga que entraram na casa disse que tinham de pôr fechaduras novas nas portas.

- Começaram a juntar-se mais pessoas por causa deste acontecimento. E começaram a dizer quantas pessoas viviam dentro de cada casa (pais, sogros, cunhados e seus respetivos filhos), ou seja, cerca de 13 pessoas em cada T2/T3. Apenas com uma casa de banho. E mostravam-se muito descontentes. Inclusive disseram que os deixaram ali a viver como “porcos” e os abandonaram. Que já não aguentam viver assim todos juntos, mas que as outras pessoas também não lhes alugam casas fora dali.

- Uma das senhoras achava que eu era da Câmara e disse que se não as pusessem com casas com condições, que iam fazer uma grande maldade e que aquilo ia acabar muito mal.

- Eu disse que não era da Câmara e que não podia fazer nada em relação a isso. Eu estava só a fazer um estudo para a Universidade.

- E ela disse para eu ir ver a casa dela para perceber as condições onde ela vive (mas depois não me levou lá)

- Um dos senhores ouviu-me a perguntar ao senhor mais velho para onde iria se ganhasse o Euromilhões. Disse-me que também gostava de responder àquela pergunta. Que ia viver para onde houvesse paz. E eu perguntei qual seria esse lugar. E ele disse-me que seria longe dali, longe da cidade. Queria viver no campo, num *chalet*, com alguém a trabalhar para ele e que ele não tivesse de trabalhar. Eu disse que não podíamos desistir dos nossos sonhos e ele acenou com a cabeça.

- Quando acalmou a história do roubo, o senhor mais velho, disse-me “vê menina, isto aqui é só confusões. Isto não é maneira de se viver”.